



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS**  
**DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS**  
**GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE ALIMENTOS**

**JÚLIA ALVES MALVEIRA**

**O IMPACTO DA MOBILIDADE ACADÊMICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL  
DE ESTUDANTES DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO.**

**FORTALEZA**

**2026**

JÚLIA ALVES MALVEIRA

O IMPACTO DA MOBILIDADE ACADÊMICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE  
ESTUDANTES DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Engenharia de  
Alimentos do Centro de Ciências Agrárias da  
Universidade Federal do Ceará, como  
requisito parcial à obtenção do grau de  
bacharel em Engenharia de Alimentos.

Orientador: Prof. Dr. Ítalo Waldimiro Lima De  
Franca.

FORTALEZA

2026

JÚLIA ALVES MALVEIRA

O IMPACTO DA MOBILIDADE ACADÊMICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE  
ESTUDANTES DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Engenharia de  
Alimentos do Centro de Ciências Agrárias da  
Universidade Federal do Ceará, como  
requisito parcial à obtenção do grau de  
bacharel em Engenharia de Alimentos.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Ítalo Waldimiro Lima De Franca (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Luciana de Siqueira Oliveira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Renata Pontes Vieira Aguiar  
Universidade de Fortaleza (Unifor)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me conceder tantas graças e conquistas, e ao meu querido São José, pelas intercessões ao longo desta caminhada.

Ademais, quero agradecer aos meus pais, por me ensinarem que apenas a educação é capaz de abrir portas e mudar a realidade. No mais, quero agradecer meus irmãos pelo companheirismo e pelo exemplo de determinação.

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos da Universidade Federal do Ceará, que por muitas vezes me auxiliaram e tornaram essa caminhada árdua mais leve.

Para além, quero agradecer aos meus amigos franceses, libaneses, marroquinos, alemães e brasileiros, a vossa amizade me permitiu emergir em novas culturas e aprender sobre o mundo.

Sou demasiadamente grata ao projeto Capes Brafagri, o qual me permitiu atravessar barreiras e viver sob uma nova perspectiva, o que enriqueceu minha trajetória pessoal e profissional, a experiência vivida durante a minha mobilidade acadêmica me inspirou a escrever este projeto.

Agradeço à todos os docentes do Departamento de Engenharia de Alimentos da UFC, por dedicarem a suas vidas ao compartilhamento de conhecimento, e em especial aqueles que fizeram parte da minha trajetória, desde oportunidades na iniciação científica até o intercâmbio. Agradeço ao meu orientador, pelo suporte e apoio na construção deste trabalho.

Ao fim, gostaria de agradecer à banca e aos demais participantes da minha pesquisa, por se disponibilizarem e contribuírem de forma enriquecedora, possibilitando a escrita deste trabalho.

“O mundo é um livro, e aqueles que não viajam leem apenas uma página” (*Confissões*, Santo Agostinho).

## RESUMO

Em um cenário marcado pela globalização e pela crescente internacionalização do ensino superior, a mobilidade acadêmica internacional tem se consolidado como uma importante estratégia de formação universitária. Além de promover a troca de conhecimentos entre instituições de diferentes países, essa experiência amplia as vivências acadêmicas e culturais dos estudantes e favorece o desenvolvimento de competências multidisciplinares, especialmente no campo das engenharias, em que o mercado de trabalho demanda profissionais cada vez mais qualificados. Nesse contexto, este estudo investigou como a mobilidade acadêmica internacional influencia o desenvolvimento profissional de estudantes do Departamento de Engenharia de Alimentos da Universidade Federal do Ceará. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica e um estudo de caso, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas a 10 participantes, entre estudantes e egressos do curso. Os resultados evidenciaram que a experiência contribuiu para a qualificação dos participantes por meio do desenvolvimento de competências comportamentais, como autonomia, relacionamento interpessoal, adaptabilidade, habilidades de comunicação, gestão do tempo e gestão financeira, além da aquisição de conhecimentos técnicos alinhados às novas demandas da indústria. Os participantes também reconheceram a mobilidade acadêmica como um importante instrumento de capacitação e um diferencial competitivo para a inserção e o desenvolvimento profissional. Os achados apontaram, ainda, a necessidade de fortalecer os mecanismos de apoio e acompanhamento oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior (IES). Entre as propostas de aperfeiçoamento dos programas destacaram-se o fortalecimento da articulação entre as instituições parceiras, a criação de um sistema *Alumni* e a oferta de suporte psicológico aos participantes. Conclui-se que a mobilidade acadêmica internacional favorece a qualificação dos estudantes, ampliando suas perspectivas acadêmicas e profissionais.

**Palavras-chave:** Internacionalização do Ensino Superior; Mobilidade acadêmica; Engenharia de Alimentos; Desenvolvimento profissional.

## ABSTRACT

In a context marked by globalization and the increasing internationalization of higher education, international academic mobility has become an important strategy for university education. In addition to promoting knowledge exchange among institutions from different countries, this experience broadens students' academic and cultural experiences and contributes to the development of multidisciplinary competencies, particularly in engineering fields, where the labor market increasingly demands highly qualified professionals. In this context, this study investigated how international academic mobility influences the professional development of students from the Department of Food Engineering at the Federal University of Ceará. For this purpose, a literature review followed by a case study involving semi-structured interviews with 10 participants, including undergraduate students and alumni of the program. The results demonstrated that the experience contributed to participants' professional qualification through the development of behavioral competencies, such as autonomy, interpersonal relationships, adaptability, communication skills, time management, and financial management, as well as through the acquisition of technical knowledge aligned with emerging industry demands. Participants also recognized academic mobility as an important tool for professional training and a competitive advantage for career development and employability. The findings further indicated the need to strengthen the support and monitoring mechanisms provided by Higher Education Institutions (HEIs). Among the proposed improvements to mobility programs were greater collaboration between partner institutions, the establishment of an alumni system, and the provision of psychological support to participants. It is concluded that international academic mobility contributes to students' professional development by enhancing their qualifications and expanding their academic and career prospects.

**Keywords:** Internationalization of higher education; Academic mobility; Food Engineering; Professional development.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                              |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Etapas da pesquisa .....                                                          | 16 |
| Figura 2 – Diagrama de interseção das áreas de conhecimento do engenheiro de alimentos ..... | 31 |
| Figura 3 – Diagrama de áreas de atuação do engenheiro de alimentos.....                      | 32 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|           |                                                                                                         |    |
|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 | – Países de destino dos discentes da UFC em mobilidade de saída do país entre os anos de 2023-2024..... | 27 |
| Gráfico 2 | – Níveis dos discentes da UFC em mobilidade de saída do país entre os anos de 2023-2024.....            | 28 |

## LISTA DE QUADROS

|           |                                                                                            |    |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1  | – Seleção do material para pesquisa.....                                                   | 17 |
| Quadro 2  | – Objetivos do Plano de Internacionalização da UFC.....                                    | 25 |
| Quadro 3  | – Qualidades, competências e habilidades procuradas em um profissional de engenharia ..... | 34 |
| Quadro 4  | – Indivíduos submetidos à pesquisa.....                                                    | 36 |
| Quadro 5  | – Situação acadêmica dos entrevistados .....                                               | 37 |
| Quadro 6  | – Modalidade de intercâmbio dos estudantes.....                                            | 38 |
| Quadro 7  | – Motivação para realização do intercâmbio .....                                           | 39 |
| Quadro 8  | – Aprendizados relacionados a engenharia de alimentos no exterior .....                    | 48 |
| Quadro 9  | – Estágio no exterior.....                                                                 | 50 |
| Quadro 10 | – Correspondência das expectativas .....                                                   | 54 |
| Quadro 11 | – Dificuldades e desafios enfrentados pelos intercambistas .....                           | 55 |
| Quadro 12 | – Sugestões dos entrevistados .....                                                        | 58 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|          |                                                               |
|----------|---------------------------------------------------------------|
| a.C      | antes de Cristo                                               |
| BRAFAGRI | Brasil França Agricultura                                     |
| BRAFITEC | Brasil França Engenheiro Tecnologia                           |
| CAPES    | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior   |
| CCA      | Centro de Ciências Agrárias                                   |
| CNPq     | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| CONFEA   | Conselho Federal de Engenharia e Agronomia                    |
| CONSUNI  | Conselho Universitário                                        |
| CsF      | Ciências sem Fronteiras                                       |
| DEAL     | Departamento de Engenharia de Alimentos                       |
| DEC      | Departamento de Educação e Cultura                            |
| ELAP     | Programa de Líderes Emergentes nas Américas                   |
| IES      | Instituição de Ensino Superior                                |
| MEC      | Ministério da Educação                                        |
| PDI      | Plano de Desenvolvimento Institucional                        |
| P&D      | Pesquisa e Desenvolvimento                                    |
| PIN      | Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará |
| PPC      | Projeto Pedagógico de Curso                                   |
| PROINTER | Pró-Reitoria de Inovação Relações Interinstitucionais         |
| Sup.     | Superior                                                      |
| UFC      | Universidade Federal do Ceará                                 |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                               |           |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                       | <b>12</b> |
| <b>2</b> | <b>OBJETIVOS .....</b>                                                                        | <b>15</b> |
| 2.1      | Objetivo geral.....                                                                           | 15        |
| 2.2      | Objetivos específicos.....                                                                    | 15        |
| <b>3</b> | <b>METODOLOGIA.....</b>                                                                       | <b>16</b> |
| 3.1      | Delineamento da pesquisa.....                                                                 | 16        |
| 3.1.1    | Pesquisa bibliográfica.....                                                                   | 16        |
| 3.1.2    | Estudo de caso.....                                                                           | 18        |
| <b>4</b> | <b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>                                                             | <b>20</b> |
| 4.1      | Internacionalização no Ensino Superior .....                                                  | 20        |
| 4.2      | Internacionalização na Universidade Federal do Ceará .....                                    | 23        |
| 4.2.1    | Programas de mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Ceará.....                       | 26        |
| 4.3      | Formação do engenheiro de alimentos pela Universidade Federal do Ceará.....                   | 30        |
| 4.4      | Atuação do engenheiro de alimentos.....                                                       | 31        |
| 4.5      | Competências, qualidades e habilidades dos engenheiros exigidos pelo mercado de trabalho..... | 33        |
| <b>5</b> | <b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>                                                           | <b>36</b> |
| 5.1      | Perfil dos alunos.....                                                                        | 36        |
| 5.2      | Modalidade e país de intercâmbio.....                                                         | 37        |
| 5.3      | Motivação para realização do intercâmbio.....                                                 | 39        |
| 5.4      | Escolha do local e Instituição de Ensino.....                                                 | 42        |
| 5.5      | Desenvolvimento pessoal: habilidades e competências.....                                      | 43        |
| 5.5.1    | Autonomia.....                                                                                | 43        |
| 5.5.2    | Relacionamento interpessoal.....                                                              | 44        |
| 5.5.3    | Adaptabilidade.....                                                                           | 45        |
| 5.5.4    | Comunicação.....                                                                              | 45        |
| 5.5.5    | Gestão do tempo.....                                                                          | 46        |
| 5.5.6    | Gestão financeira.....                                                                        | 47        |
| 5.5.7    | Valorização da diversidade e multiculturalidade.....                                          | 47        |
| 5.6      | Conhecimentos obtidos no curso de engenharia de alimentos.....                                | 47        |
| 5.7      | Realização de estágio no exterior.....                                                        | 50        |
| 5.8      | Capacitação profissional.....                                                                 | 51        |
| 5.9      | Diferencial no currículo.....                                                                 | 52        |
| 5.10     | Correspondência das expectativas.....                                                         | 54        |
| 5.11     | Dificuldades e desafios.....                                                                  | 55        |
| 5.12     | Sugestões de melhoria.....                                                                    | 58        |
| <b>6</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                         | <b>61</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                      | <b>62</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros registros de intercâmbio educacional foram datados na Roma antiga, neste contexto, os jovens da sociedade viajavam para a Grécia, e durante seu período de estadia, aprofundavam seus estudos em filosofia, literatura e artes. Ao retornar, contribuíam para o desenvolvimento do Império. Assim, desde o século VIII a.C, o intercâmbio era instrumento de disseminação de conhecimento (Miranda, 2011). Com o passar dos séculos, o marco da Revolução Industrial facilitou o uso da comunicação e dos transportes, assim, viabilizou o envio de jovens de um país para o outro com o objetivo e preocupação voltados exclusivamente para a formação acadêmica (Sebben, 2011).

No contexto atual, a prática do intercâmbio é incentivada pelo processo de globalização, em razão do aumento do fluxo de informações sobre o estilo de vida e as oportunidades disponíveis em países desenvolvidos, o que aumenta o desejo dos indivíduos de migrar (Bett, 2012). A globalização traz consigo a necessidade de “internacionalizar” o Ensino nas Universidades, isto é, a necessidade das Universidades investirem e incentivarem programas de mobilidade acadêmica internacional para sua comunidade docente e discente, bem como a participação dos alunos e professores em congressos, seminários e eventos internacionais (Stalliveri, 2009).

A internacionalização do ensino superior constitui um processo de transformação institucional que amplia a compreensão da realidade e fortalece as universidades por meio da incorporação de padrões internacionais de ensino. Nesse contexto, deixa de ser uma iniciativa opcional para tornar-se um objetivo estratégico, contribuindo para a competitividade e o reconhecimento das Instituições de Ensino Superior (IES) no cenário internacional (Sebastián, 2004; Stalliveri, 2009).

A procura por educação no exterior dentro das universidades têm aumentado nos últimos dez anos e está ligada à obtenção de formação acadêmica e profissional mais ampla e adequada ao mercado de trabalho globalizado (Ferreira *et al.*, 2018).

Do mesmo modo, passam a ser demandados novos padrões de desempenho no trabalho, baseados na integração de diferentes áreas do conhecimento e na diversidade de competências. Essas exigências não se aplicam apenas a produtos e serviços, mas também aos engenheiros, que atuam como agentes de transformação nos âmbitos social e de mercado (Colenci, 2000).

No contexto da Indústria 4.0, o engenheiro de alimentos precisa desenvolver não apenas competências técnicas, mas também habilidades comportamentais, como

comunicação, liderança e criatividade, a fim de atender às novas exigências do mercado de trabalho, cada vez mais dinâmico e multidisciplinar. Assim, o mercado de trabalho para o engenheiro de alimentos tem se tornado cada vez mais competitivo, exigindo do profissional o desenvolvimento de habilidades que o diferencie de outros candidatos (Castro 2023; Albuquerque, 2022).

As empresas têm considerado a vivência internacional como um critério relevante nos processos de recrutamento e seleção (Malutta, 2018). As projeções de Bohm *et al.* (2002) indicavam que, até 2025, a demanda por educação internacional alcançaria 7,2 milhões de estudantes, o que corresponde a um aumento significativo quando comparado aos 1,2 milhão de estudantes no ano 2000.

Sousa (2011) reforça esse pensamento, afirmando que o conhecimento adquirido durante o estudo no exterior proporcionado pelas universidades, atualmente, é fundamental para a qualificação do profissional diante do cenário competitivo mundial. A experiência de mobilidade acadêmica, para o aluno favorece o desenvolvimento emocional, fortalece a autoconfiança, estimula o amadurecimento e a autonomia, além de aprimorar as habilidades de convivência (Oliveira; Pagliuca, 2012).

Para Kawasaki, (1997) a universidade tem papel fundamental na formação do profissional, elas contribuem ao desenvolver bases teóricas para a educação, criar ferramentas para analisar as tendências da sociedade e do mercado de trabalho, e promover parcerias que fortaleçam a qualificação dos profissionais.

Dentre as parcerias realizadas pelas universidades, de modo que ofereça oportunidade de aprendizado para os profissionais e a qualificação exigida pelo mercado, e que em contrapartida a universidade adentre no processo de internacionalização, encontram-se os acordos com instituições de fomento que promovem a cooperação internacional, através do envio de alunos para o exterior. No contexto atual, as ações de internacionalização desempenham um papel essencial no meio acadêmico, ao ampliar o acesso ao conhecimento e proporcionar novas oportunidades para estudantes e profissionais (Nogueira, 2018).

Conforme a Capes (2017), a colaboração entre instituições de ensino superior brasileiras e entidades internacionais de ensino e pesquisa se dá por diferentes meios, como programas de bolsas, intercâmbio de docentes e técnicos e realização de pesquisas em parceria.

A Pró-Reitoria da Universidade Federal do Ceará (UFC) apresentou os programas de mobilidade que permanecem em funcionamento na instituição. Até 2025, a UFC já havia firmado 712 convênios com instituições de 32 países. Dos programas oferecidos pela UFC,

destacam-se programas que tem como objetivo firmar parceria entre as universidades promovendo a integração dos currículos (UFC, 2026).

A experiência adquirida através de graduação a nível internacional possibilita o desenvolvimento de senso crítico e favorece a construção de uma postura mais aberta e reflexiva em relação a si mesmo e às possibilidades futuras na carreira profissional (Mathias, 2018). Ramirez (2019) reforça esta afirmação, e acrescenta que programas de intercâmbio configuram-se como experiências enriquecedoras e dinâmicas no processo de internacionalização do estudante, contribuindo para o desenvolvimento de conhecimentos e competências adquiridas a partir da vivência em um país diferente do de origem, importantes para o mercado de trabalho, cenário atual encontrado pelos engenheiros de alimentos. Com base nesse pressuposto, esta pesquisa parte do seguinte ponto de investigação: Quais as motivações e impacto do intercâmbio acadêmico na formação profissional dos estudantes de engenharia de alimentos da UFC?

A literatura sobre internacionalização no ensino superior é ampla, havendo estudos que abordam a mobilidade acadêmica e os impactos do intercâmbio sob diferentes perspectivas, como o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes. No entanto, observa-se uma lacuna no que se refere à análise dessas experiências no contexto da formação em engenharia de alimentos, especialmente quanto à relação entre o intercâmbio acadêmico e as competências exigidas pelo mercado de trabalho. Nesse sentido, este estudo busca contribuir ao investigar de que forma a vivência internacional pode influenciar a qualificação profissional, o desenvolvimento de conhecimentos técnicos e comportamentais de alunos, e a inserção dos futuros engenheiros de alimentos em um mercado cada vez mais globalizado e competitivo.

A pesquisa está dividida em 6 seções. A primeira seção trata-se da introdução à temática abordada. A segunda seção aponta os objetivos. A terceira seção aborda a metodologia aplicada. Em seguida, a quarta seção corresponde à fundamentação teórica, que descreve o conceito de internacionalização e o vínculo com as Instituições de Ensino Superior, sobretudo na Universidade Federal do Ceará, seus efeitos, como a implementação de programas de mobilidade acadêmica e a relação entre esses programas e o desenvolvimento do profissional de engenharia de alimentos, além disso, aborda-se a formação acadêmica e as exigências do mercado de trabalho. Na quinta seção, são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa e, na sexta, são expostas as conclusões do estudo.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

O objetivo geral deste trabalho é entender quais as motivações levam os discentes do curso de Engenharia de Alimentos da UFC optar pelo intercâmbio através de oportunidades concedidas pela IES durante a graduação entre os anos de 2011 a 2024 e quais os impactos na formação profissional desses estudantes.

### **2.2 Objetivos específicos**

1. Entender o perfil dos estudantes que realizaram intercâmbio, quais as motivações dos alunos para realizar intercâmbio acadêmico e quais as habilidades e conhecimentos adquiridos a partir desta experiência.
2. Compreender o impacto no mercado de trabalho e na pós-graduação, através da análise da contribuição na capacitação profissional desses estudantes e da descrição destas experiências como diferencial no currículo e em processos seletivos.
3. Entender se as expectativas dos entrevistados foram atendidas e como a experiência poderia ter sido mais positiva, isto é, entender as experiências negativas e captar sugestões de melhoria, como forma de aperfeiçoar os programas de mobilidade acadêmica.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Delineamento da pesquisa

Quanto à abordagem, a pesquisa em questão é classificada como qualitativa, que caracteriza-se por compreender fenômenos sociais por meio da análise detalhada das ações, experiências e percepções dos indivíduos, valorizando a interpretação dos significados atribuídos pelos participantes às suas próprias vivências (Rodrigues, 2006; Martins, 2004).

Quanto aos resultados, a pesquisa será tratada como descritiva, que tem como finalidade caracterizar e detalhar aspectos de uma determinada população ou fenômeno, além de possibilitar a identificação de relações entre variáveis presentes no contexto analisado (Gil, 2008; Lakatos; Marconi 2010).

Com relação aos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica seguida de estudo de caso, realizado através de entrevistas com a população a ser estudada. A Figura 1 ilustra as etapas constituintes da pesquisa.

Figura 1 – Etapas da pesquisa



Fonte: Da autora

##### 3.1.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi realizada com o objetivo de identificar estudos relevantes para a fundamentação teórica do trabalho por meio de produções acadêmicas relacionadas à temática. A pesquisa ocorreu por meio de buscas sistemáticas em bases de dados científicas, utilizando combinações de palavras-chave relacionadas ao tema da pesquisa. Foram

consultadas bases como *Google Scholar*, *SciELO*, *Scopus* e *Web of Science*, além de documentos institucionais e relatórios de organismos relacionados à mobilidade acadêmica. Esse procedimento possibilitou a identificação e seleção de produções científicas relacionadas ao tema investigado.

A seleção dos materiais considerou critérios relacionados à pertinência temática, à confiabilidade das fontes e à contribuição dos conteúdos para o desenvolvimento do estudo. A busca concentrou-se em artigos científicos, livros, dissertações e teses sobre internacionalização do ensino superior, mobilidade acadêmica internacional, programas de intercâmbio, formação e atuação do engenheiro de alimentos e desenvolvimento de competências profissionais. Para as informações referentes à Universidade Federal do Ceará (UFC), privilegiaram-se fontes institucionais oficiais, como documentos normativos, editais, resoluções e publicações da própria universidade. A busca está descrita no Quadro 1.

Quadro 1 – Seleção do material para pesquisa

| <b>Temática</b>                                                               | <b>Palavras-chave</b>                                                                                                                                    | <b>Recorte temporal</b> |
|-------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| <b>Internacionalização no Ensino Superior</b>                                 | “internacionalização”; “internacionalização do ensino superior”; “ensino superior”; “universidade”; “globalização”                                       | Entre 1996 e 2026       |
| <b>Internacionalização na Universidade Federal do Ceará</b>                   | “internacionalização”; “internacionalização do ensino superior”; “Universidade Federal do Ceará”; “UFC”                                                  | Entre 1958 e 2026       |
| <b>Programas de mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Ceará</b>     | “mobilidade acadêmica”; “mobilidade acadêmica internacional”; “intercâmbio”; “programas de mobilidade acadêmica”; “UFC”; “Universidade Federal do Ceará” | Entre 2016 e 2026       |
| <b>Formação do engenheiro de alimentos pela Universidade Federal do Ceará</b> | “engenharia de alimentos”; “engenheiro de alimentos”; “formação profissional”; “Universidade Federal do Ceará”; “UFC”                                    | Entre 1973 e 2026       |
| <b>Atuação do engenheiro de alimentos</b>                                     | “engenheiro de alimentos”; “mercado de trabalho”; “profissional”; “atuação profissional”                                                                 | Entre 2011 e 2026       |

|                                                                                                 |                                                                                                                                                                       |                   |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| <b>Competências, qualidades e habilidades dos engenheiros exigidos pelo mercado de trabalho</b> | “competências”; “habilidades”; “soft skills”; “hard skills”; “mercado de trabalho”; “profissional”; “engenheiro” “engenheiro de alimentos” “engenharia de alimentos”. | Entre 2015 e 2026 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|

Fonte: Da autora

### 3.1.2 Estudo de caso

A pesquisa utilizou entrevistas com questões estruturadas como instrumento de coleta de dados, possibilitando a obtenção de informações diretamente dos participantes envolvidos no objeto de estudo. As entrevistas contribuem para a compreensão das experiências, percepções e opiniões dos entrevistados, permitindo uma análise mais detalhada da realidade investigada (Gil, 2008).

A construção do roteiro de entrevistas utilizado na pesquisa (Apêndice A) fundamentou-se em artigos, livros e demais produções acadêmicas relacionadas à internacionalização, mobilidade acadêmica e desenvolvimento profissional contidas na pesquisa bibliográfica, com o objetivo de direcionar a coleta de dados para aspectos relevantes ao problema investigado. Dessa forma, o roteiro elaborado foi estruturado de modo a possibilitar a obtenção de informações alinhadas aos objetivos da pesquisa e ao referencial teórico adotado no estudo.

A população estudada foi composta por indivíduos de ambos os sexos, maiores de 18 anos, vinculados à Universidade Federal do Ceará (UFC). Os participantes constituíram-se de alunos regularmente matriculados no curso de Engenharia de Alimentos ou egressos que já concluíram a graduação no mesmo curso pela instituição que participaram de programas de mobilidade acadêmica internacional durante a graduação. A participação ocorreu de forma voluntária.

O recrutamento dos participantes ocorreu por busca em editais anteriores de programas de mobilidade acadêmica publicados no site oficial da Universidade Federal do Ceará, com o objetivo de identificar estudantes e egressos do curso de engenharia de alimentos que tenham participado de programas de intercâmbio.

A coleta de dados ocorreu de forma remota, por meio de entrevistas conduzidas na plataforma *Google Meet*, com duração média de 40 minutos. Durante as entrevistas, as perguntas previstas no roteiro (Apêndice A) foram aplicadas, e as respostas fornecidas pelos participantes foram registradas por escrito e organizadas utilizando o *Google Docs*. Os

aplicativos da plataforma *Google* foram utilizados devido à eficiência no registro e armazenamento das informações, além da acessibilidade e gratuidade oferecidas pelas ferramentas digitais (Google, 2026).

## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4.1 Internacionalização no Ensino Superior

A natureza internacional das instituições de ensino superior surgiu na Europa, durante a Idade Média, com a criação das *Universitas*, universidades compostas por docentes e estudantes provenientes de diferentes regiões e países, constituindo comunidades acadêmicas de caráter internacional que se reuniam em busca do conhecimento. A formação das *Universitas*, feita por alunos nativos e alunos de outras regiões, contribuía para o prestígio da universidade (Stallivieri, 2002).

Charle e Verger (1996) apontam que durante esse período de mobilidade durante a Idade Média, os destinos mais procurados estavam entre a Europa Central, sobretudo nas regiões de Pádua, Bolonha e Siena, na Itália, seguidos das regiões da França, em Paris, Montpellier e Orleans. Os estudantes visavam os aprendizados provindos dos estudos e da experiência da visita, para eles, o momento da visita constituía uma oportunidade de aprendizado próprio.

A partir de 1060 as colônias britânicas existentes reconheceram a adoção da internacionalização como instrumento de desenvolvimento econômico, através do investimento no capital humano, considerando a transição da demanda por mão de obra não qualificada para mão de obra qualificada (Rudzki, 1998).

No Brasil, os primeiros indícios de cooperação internacional no ensino superior surgiram com a criação das primeiras universidades públicas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo entre 1920 e 1930 (Oliveira; Freitas, 2016).

Em um contexto atual, a internacionalização surge como uma maneira de lidar com a globalização, no qual os países e as universidades investem em iniciativas e políticas específicas para enviar e receber alunos de todo o mundo. As instituições de ensino superior ao redor do mundo têm reconhecido de forma crescente os desafios impostos e as demandas associadas à internacionalização. Nesse cenário, muitas universidades buscam ampliar sua relevância, ao se destacar na pesquisa científica e atrair estudantes de várias partes do mundo para investigar temas de interesse global (Altbach, 2002; Maringe; Foskett, 2012).

Segundo a UNESCO (2003), a internacionalização do ensino superior é um conceito abrangente que não se limita à cooperação entre países, incluindo também mudanças internas nas instituições, impulsionadas por políticas e iniciativas específicas.

De acordo com Knight (2015), a internacionalização da educação no ensino superior deve ser encarada como um meio de aprimorar os resultados acadêmicos e viabilizar o alcance de metas socioculturais, políticas e econômicas em nível nacional ou regional.

A internacionalização das IES consiste em um processo de mudança que integra dimensões internacionais e interculturais à missão, cultura e políticas das instituições. Para isso, é necessário implementar uma política estruturada, com participação da comunidade acadêmica e suporte organizacional adequado, garantindo sua continuidade e efetividade (Gácel; Ávila, 2005).

A internacionalização torna-se cada vez mais evidente no âmbito das instituições de ensino superior, em detrimento da integração das economias, a necessidade contínua de compreender diferentes culturas, os avanços nos sistemas de comunicação e o desenvolvimento de redes de informação (Stallivieri, 2002).

Ao adotar o termo “educação transfronteiriça” como sinônimo de internacionalização, a autora Knight (2013) afirma que esse termo inclui diferentes formas de mobilidade acadêmica, dentre elas, a circulação de pessoas, como docentes, estudantes e pesquisadores, a oferta de programas em formatos duplos, conjuntos ou por franquias, a atuação de instituições por meio de campi internacionais e ensino virtual, o desenvolvimento de projetos relacionados à pesquisa, avaliação e currículos, além de políticas voltadas ao reconhecimento de créditos e à garantia da qualidade.

Uma das principais formas de promover a internacionalização da educação é o intercâmbio estudantil, uma vez que os estudantes se tornam mais dinâmicos ao vivenciarem ambientes diversos e heterogêneos (Fernández, 2010).

Rosenzweig (2006) explica que há dois motivos principais para que os alunos se interessem pela mobilidade acadêmica. No primeiro cenário, o estudante busca instituições com estruturas acadêmicas mais consolidadas do que as disponíveis em seu país de origem, com a intenção de adquirir conhecimentos e posteriormente aplicá-los ao retornar. No segundo cenário, o estudante ingressa no país com visto de estudos e procura permanecer no destino, motivado pela perspectiva de melhores oportunidades e condições de vida. Esse movimento é definido como mobilidade acadêmica de saída, ou *outgoing* (Unicentro, 2026).

Parte dos discentes que optam pelo intercâmbio partem para países desenvolvidos, o autor nomeia esse fenômeno de “fuga de cérebros”, segundo o autor, países de maior desenvolvimento econômico tendem a atrair alunos e pesquisadores, o que contribui para a formação de uma “geopolítica do conhecimento”, associada às condições em que ocorre a internacionalização atualmente (Contel; Lima, 2007).

Diante das exigências intrínsecas provocadas pelo processo de internacionalização, as instituições passam a observar o fluxo de estudantes provenientes de outras universidades como um indicador de atratividade, além de desenvolver iniciativas voltadas ao fortalecimento da dimensão intercultural em seus espaços acadêmicos (Ranza, 2013).

Para Kawasaki, (1997) a universidade tem papel fundamental na formação do profissional, elas contribuem ao desenvolver bases teóricas para a educação, criar ferramentas para analisar as tendências da sociedade e do mercado de trabalho, e promover parcerias que fortaleçam a qualificação dos profissionais.

Segundo Ramos (2018) o Brasil, entre os anos de 2007 e 2011 foi responsável, por aproximadamente, 3% das publicações científicas mundiais, assim, destacado como o 13º colocado no *ranking* global, sobretudo na área de engenharia e ciências, sendo reconhecido como uma potência científica emergente. No entanto, a autora destaca que, ainda que tenha havido um crescimento significativo, esse desenvolvimento não se refletiu em um aumento proporcional do impacto intelectual, social e econômico da ciência brasileira, situação que causa preocupação em um país que deseja fazer parte da geopolítica do conhecimento. Para solucionar a problemática em questão, isto é, como forma de maximizar a internacionalização da ciência no país, a mobilidade acadêmica de estudantes, juntamente a cooperação científica, tornou-se presente no discurso de lideranças da política científica.

Dentre as parcerias realizadas pelas universidades, de modo que ofereça oportunidade de aprendizado para os profissionais e a qualificação exigida pelo mercado, e que em contrapartida a universidade adentre no processo de internacionalização, encontram-se os acordos com instituições de fomento que promovem a cooperação internacional, através do envio de alunos para o exterior. No contexto atual, as ações de internacionalização desempenham um papel essencial no meio acadêmico, ao ampliar o acesso ao conhecimento e proporcionar novas oportunidades para estudantes e profissionais (Nogueira, 2018).

Conforme a Capes (2017), a colaboração entre instituições de ensino superior brasileiras e entidades internacionais de ensino e pesquisa se dá por diferentes meios, como programas de bolsas, intercâmbio de docentes e técnicos e realização de pesquisas em parceria.

Com o propósito de fomentar a mobilidade acadêmica de estudantes, docentes e profissionais de nível superior para a realização de formação avançada no exterior, e em consequência, aumentar a produção científica e a visibilidade internacional, o Brasil, no ano de 2011, implementou o programa Ciência sem Fronteiras (CsF) (Ramos, 2018).

De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o CsF, de 2011 a 2014 concedeu 80.652 bolsas e envolveu 30 países de destino. O programa considerava que a experiência de estudos no exterior pelos discentes brasileiros, possibilitaria o desenvolvimento de competências e aprendizados que, ao retornarem ao país, poderiam ser aplicadas em benefício do Brasil. Deste modo, as instituições analisam a realidade a partir de fundamentos essencialmente acadêmicos e procuram, por meio do intercâmbio de pessoas, vivências e conhecimentos, aproveitar suas capacidades institucionais para aprimorar práticas de pesquisa e formas de solucionar as suas problemáticas nacionais e beneficiar os alunos na sua trajetória profissional (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2026; Nogueira, 2018; Marrara, 2007).

#### **4.2 Internacionalização na Universidade Federal do Ceará**

A internacionalização é um ponto chave para as instituições de ensino que buscam uma posição competitiva no cenário acadêmico mundial, especialmente diante das exigências impostas pela globalização (Stallivieri, 2009; De Wit, 2012). Assim, as universidades têm estudado estratégias e direcionado esforços para seu fortalecimento, com o intuito de disputar, em nível internacional, a atração de estudantes estrangeiros, docentes qualificados, recursos e obter reconhecimento acadêmico (National, 2012).

Dentre as estratégias de internacionalização, estão a implementação de programas de mobilidade estudantil, a concessão de bolsas para realização de estudos de graduação no exterior e o estabelecimento de parcerias com organizações voltadas à cooperação universitária internacional (Gacel; Ávila, 2009). Além disso, quando as instituições possuem estratégias de internacionalização previamente estruturadas, torna-se possível ampliar a divulgação e o alcance das atividades internacionais oferecidas a estudantes, técnicos e servidores (Nogueira, 2018).

No processo de definição de estratégias, cada universidade estabelece de forma independente suas necessidades e prioridades, alinhadas aos objetivos previstos em seu plano de metas. De modo geral, as estratégias são definidas pelos conselhos diretivos, reitorias e demais órgãos de gestão, que podem ser conduzidas de forma centralizada ou elaboradas com a participação de outros setores institucionais e unidades acadêmicas, incluindo, em algumas universidades, setores de relações internacionais (Stallivieri, 2002).

A unidade de relações internacionais da Universidade Federal do Ceará é intitulada PROINTER (Pró-Reitoria de Inovação Relações Interinstitucionais). Sua criação tem origem em janeiro de 1957, quando foi instituída a Divisão de Intercâmbio e Expansão Cultural, vinculada ao Departamento de Educação e Cultura (DEC). Nesse período, as atividades internacionais da UFC estavam voltadas, sobretudo, à recepção de representantes governamentais estrangeiros, como embaixadores, cônsules e professores visitantes. Também incluíam deslocamentos do reitor e de alguns docentes para o exterior, com a finalidade de firmar parcerias e desenvolver ações de cooperação acadêmica (Garcia; Gussi, 2025).

Segundo Maia e Farias (2005) a Universidade Federal do Ceará destacou-se como pioneira no Estado ao recorrer às relações internacionais como estratégia para obter recursos adicionais destinados ao financiamento de seus programas. Desde a sua criação, a UFC estabeleceu laços com outros países, mesmo ainda não existindo o termo internacionalização, como consta nos registros do memorial da universidade (UFC, 1958).

A Universidade do Ceará vem mantendo, através do seu Serviço de Documentação, proveitoso intercâmbio com as Unidades de Ensino Superior e as instituições culturais do Brasil e dos seguintes países: Estados Unidos, Canadá, França, Inglaterra, Portugal, Espanha, México, Argentina, Chile, Venezuela e Uruguai. Esta aproximação entre países, efetuando-se com a permuta de publicações literárias e didáticas, é das mais importantes, estando sendo ampliada constantemente (UFC, 1958, p. 13).

Atualmente, a PROINTER declara como sua finalidade: “Promover e coordenar as relações da universidade com instituições estrangeiras de educação, ciência e cultura”. Com o objetivo de ampliar o processo de internacionalização da UFC, a Pró-Reitoria de Inovação Relações Interinstitucionais presta orientação a docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes sobre os procedimentos para firmar parcerias com instituições estrangeiras e participar de programas acadêmicos de graduação e pós-graduação no exterior. Ademais, o órgão oferece apoio institucional, acadêmico e jurídico tanto à comunidade universitária da UFC quanto a estudantes e professores estrangeiros que realizam atividades de intercâmbio na universidade (Universidade Federal do Ceará, 2026).

O primeiro plano voltado exclusivamente para a internacionalização da UFC foi criado em 2017, intitulado Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), nesse plano, foram estabelecidas políticas voltadas a todas as áreas de atuação da instituição, especialmente à internacionalização do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão, o plano entrou em vigor nos anos de 2017 a 2022 (Universidade Federal do Ceará, 2017).

Posteriormente, com a seguinte declaração: “Para atingirmos padrões internacionais, precisamos fomentar nossas contribuições já internacionalmente visíveis por sua excelência”, a PROINTER, em 2025, lança o Plano de internacionalização da UFC (PIN), com o objetivo similar ao Plano de Desenvolvimento Institucional, criado em 2017, ao definir estratégias de atuação para a promoção da internacionalização (Universidade Federal do Ceará, 2019). O PIN 2025-2030 apresenta os seguintes objetivos (Quadro 2):

Quadro 2 – Objetivos do Plano de Internacionalização da UFC

| <b>Objetivos Gerais</b>                                             | <b>Definição</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Tornar a UFC um ambiente internacional</b>                       | Caracterizada pela presença de estudantes e docentes estrangeiros, pela vivência internacional de membros da universidade e pela consciência de pertencimento a um mundo interconectado. Nesse contexto, a universidade deve atuar com responsabilidade social, buscando responder às demandas da sociedade e preparando seus alunos para compreender e enfrentar os desafios da realidade contemporânea.                                                                                                                                                   |
| <b>Capacitar nossos alunos de graduação e pós-graduação</b>         | Para colaborar com a excelência acadêmica internacional e acompanhar os efeitos da globalização, é necessário preparar estudantes capazes de competir em nível internacional, tanto no ambiente universitário quanto no mercado profissional.                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Propor um plano de política linguística universitária</b>        | Em alinhamento com os princípios da internacionalização do ensino, da pesquisa e da extensão, a UFC busca desenvolver a competência linguística e intercultural de estudantes, docentes e servidores. Para isso, é preciso promover ações de política linguística e ensino de idiomas como estratégia para enfrentar os desafios da globalização e fortalecer a convivência em um ambiente acadêmico internacional e diverso.                                                                                                                               |
| <b>Internacionalizar o ensino de graduação e pós-graduação</b>      | A internacionalização no ensino superior requer atualização e flexibilização curricular, incorporando a globalização como elemento central da formação acadêmica. Para isso, é importante incentivar a mobilidade internacional, atrair estudantes estrangeiros, ampliar a proficiência em línguas e incluir disciplinas em idiomas estrangeiros. No entanto, além da competência linguística, é necessário um esforço conjunto das coordenações acadêmicas para adaptar currículos e práticas de ensino às demandas de um ambiente global e intercultural. |
| <b>Captar possibilidades e implementar convênios internacionais</b> | Fornecendo a informação e o apoio necessários, inclusive nos âmbitos administrativo e orçamentário, a universidade auxilia pesquisadores interessados em formalizar colaborações com instituições estrangeiras. Nesse contexto, a cooperação e o                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

|                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                         | intercâmbio de pesquisadores configuram uma das formas mais tradicionais de internacionalização, envolvendo o desenvolvimento conjunto de projetos científicos, a realização de missões e estágios no exterior, bem como a participação em eventos e redes acadêmicas internacionais. Essas ações contribuíram para que a UFC conquistasse maior visibilidade e reconhecimento no cenário internacional, refletidos em sua presença em diferentes rankings acadêmicos.   |
| <b>Ampliar e aprofundar as colaborações com empresas internacionais</b> | Como estratégia de inserção na esfera econômica e de financiamento das atividades universitárias, o avanço científico e tecnológico representa um importante desafio no contexto internacional marcado pela rápida evolução das tecnologias. Nesse cenário, as constantes transformações em processos e produtos, somadas à intensificação da concorrência global, reforçam a necessidade de ampliar a cooperação internacional em pesquisa, desenvolvimento e inovação. |

Fonte: Adaptado de Universidade Federal do Ceará, 2019.

Ademais, no PIN se destacam ações imediatas como:

- a) Fomentar projetos na área de mobilidade acadêmica para alunos brasileiros e estrangeiros.
- b) Acompanhar academicamente alunos em mobilidade *out* e criar formas de aproveitar suas experiências após o retorno destes.
- c) Facilitar o reconhecimento de créditos obtidos no exterior.
- d) Criar possibilidades e estimular o corpo discente a realizar estágios no exterior.
- e) Promover e divulgar internacionalmente processos de seleção na UFC para estudantes e professores.
- f) Flexibilizar cronogramas e currículos com tendência à modularização em unidades de tempo conceituais mínimas que permitam a acomodação de diferentes matrizes curriculares.

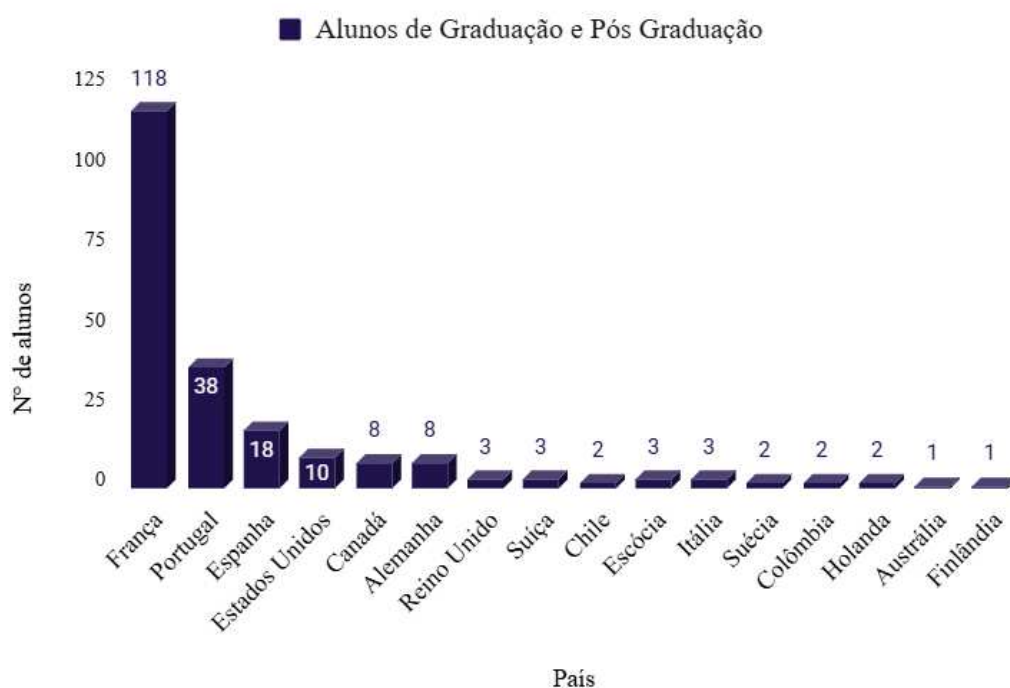
#### **4.2.1 Programas de mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Ceará**

De acordo com a Universidade Federal do Ceará (2026) a mobilidade acadêmica consiste no processo de matrícula de um estudante da UFC em outra universidade, de acordo com o calendário da IES do exterior e com as suas normas regimentais e administrativas. A Universidade, aborda ainda as condições em que acontece uma mobilidade e o seu objetivo:

A mobilidade acadêmica envolve a existência de condições apropriadas, que contribuem com a formação e o aperfeiçoamento dos quadros docente e discente, objetivando a aquisição de novas experiências e a interação com outras culturas (Universidade Federal do Ceará, 2026).

Em decorrência das políticas de incentivo à internacionalização, a UFC tem ampliado, nos últimos anos, suas parcerias com programas de fomento e instituições de ensino superior no exterior para a realização de programas de intercâmbio acadêmico. Entre 2023 e 2024, no modelo de mobilidade de saída do país, a universidade contou com 222 estudantes de graduação, mestrado e doutorado participando de convênios com instituições localizadas em 16 países, totalizando acordos firmados com 97 universidades (Universidade Federal do Ceará, 2026). O Gráfico 1 apresenta a distribuição desses estudantes entre os países de destino.

Gráfico 1 – Países de destino dos discentes da UFC em mobilidade de saída do país entre os anos de 2023-2024



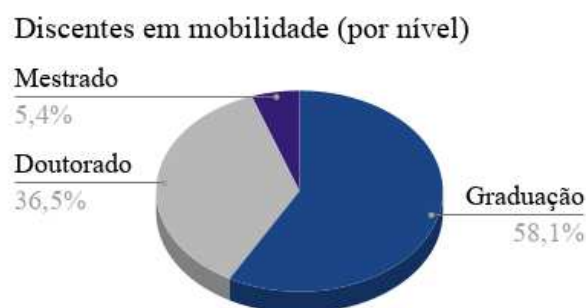
Fonte: Adaptado de Universidade Federal do Ceará (2026)

Dentre os países envolvidos, França, Portugal, Espanha e Estados Unidos, respectivamente, apresentam os maiores números de estudantes enviados em mobilidade acadêmica. A escolha de países centrais, como os da Europa e os Estados Unidos, para a realização de intercâmbio está associada ao prestígio das instituições, a qualidade acadêmica e as políticas de internacionalização desses sistemas de ensino. Esses países concentram universidades bem posicionadas em *rankings* internacionais, além de contarem com

infraestrutura avançada de ensino e pesquisa, o que os torna altamente atrativos para estudantes em busca de formação qualificada e inserção no cenário acadêmico global (Knight, 2013).

Ademais, os alunos em mobilidade de saída entre 2023 e 2024 estão distribuídos por nível no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Níveis dos discentes da UFC em mobilidade de saída do país entre os anos de 2023-2024



Fonte: Adaptado de Universidade Federal do Ceará (2026)

No que se refere à distribuição dos discentes em mobilidade acadêmica na UFC entre 2023 e 2024, os estudantes de graduação representam a maior parcela do total. Em seguida, observam-se os alunos da pós-graduação, com predominância do doutorado (cerca de 36%), enquanto o mestrado apresentou participação menor, em torno de 5%.

A menor participação da pós-graduação nos programas de mobilidade acadêmica pode ser explicada pelo fato de que a participação acadêmica depende das políticas e incentivos da universidade, favorecendo maior inserção de determinados grupos de estudantes (Pereira *et al.*, 2017).

Esse cenário também pode ser explicado pela estrutura da pós-graduação, na qual a mobilidade acadêmica ocorre por períodos mais curtos e diretamente vinculadas ao desenvolvimento da pesquisa e à orientação acadêmica, o que limita a participação dos estudantes nesse nível de ensino (Guerra *et al.*, 2025).

No que se refere aos tipos de mobilidade acadêmica, a UFC os classifica em duas categorias:

### **a) Mobilidade Acadêmica Livre:**

De acordo com a Pró-Reitoria de Relações Internacionais, esse tipo de programa acadêmico possibilita que o estudante realize parte de sua formação em uma instituição de ensino superior estrangeira, podendo ocorrer por meio de convênios firmados entre as instituições ou também em universidades que aceitam o aluno mesmo sem a formalização prévia de parceria institucional. Anualmente, são publicados editais de seleção que disponibilizam vagas em universidades localizadas em diversos países, podendo incluir ou não a concessão de bolsas de estudo. Essas oportunidades abrangem diferentes áreas do conhecimento e exigem, entre outros requisitos, bom desempenho acadêmico e, em determinados casos, proficiência em língua estrangeira (Universidade Federal do Ceará, 2026).

No âmbito da Universidade Federal do Ceará (UFC), destaca-se o Edital UFC Mundo, publicado em 2025, que representa uma iniciativa voltada à promoção da mobilidade acadêmica internacional entre os estudantes. O programa tem como finalidade ampliar a formação acadêmica, científica e cultural dos estudantes de graduação por meio da realização de intercâmbios em instituições estrangeiras parceiras da IES. O edital do UFC Mundo publicado em 2025 disponibilizou, no total, 61 vagas para alunos de graduação, em parceria com 16 universidades, entre os países estão Portugal, Espanha, Alemanha, França, China, Colômbia e Estados Unidos (Universidade Federal do Ceará, 2026).

Ademais, dentro dessa mesma modalidade, há o Programa de Líderes Emergentes nas Américas (ELAP), programa que disponibiliza bolsas de intercâmbio acadêmico em instituições de ensino superior no Canadá (Universidade Federal do Ceará, 2026; Canadá, 2026).

### **b) Mobilidade vinculada a programas específicos**

Esse tipo de mobilidade é vinculada a programas específicos, em que possuem editais próprios, como por exemplo, os programas BRAFAGRI e BRAFITEC.

Os programas BRAFAGRI (Brasil França Agricultura) e BRAFITEC (Brasil França Engenheiro Tecnologia) consistem em projetos de parcerias universitárias entre a França e o Brasil, coordenado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), com o objetivo de incentivar o intercâmbio entre os dois países. Voltado especificamente à graduação, os programas buscam incentivar o intercâmbio acadêmico, além de promover a aproximação entre as estruturas curriculares das instituições. A iniciativa da CAPES com a abertura desses editais, visa formar estudantes bilíngues com experiência de

estágio na indústria francesa e também envolve a mobilidade das equipes responsáveis pela gestão do projeto nas instituições dos dois países (Universidade Federal do Ceará, 2026; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2026).

As universidades brasileiras que desejam integrar o programa devem acompanhar com atenção a divulgação dos editais pela CAPES. Esses editais são publicados bienalmente e seguem uma lógica semelhante à dos processos seletivos de projetos de pesquisa, permitindo a apresentação de novas propostas ou a continuidade de iniciativas já em andamento. Essas propostas devem ser elaboradas em cooperação entre instituições brasileiras e francesas, com o objetivo de estabelecer ou renovar parcerias bilaterais, especialmente nas áreas de engenharia, áreas agrônômicas e veterinárias (Silva 2016).

Os programas de mobilidade vinculada a programas específicos possibilitam que o estudante realize o intercâmbio com um plano de trabalho previamente definido, tendo a garantia de que as disciplinas cursadas no exterior poderão ser reconhecidas pela instituição de origem no Brasil. Além disso, o participante recebe apoio financeiro para custear o deslocamento e a permanência no país de destino (UTFPR, 2018).

#### **4.3 Formação do engenheiro de alimentos pela Universidade Federal do Ceará**

No Brasil, o exercício profissional do engenheiro de alimentos está inserido no conjunto de normas que regem as profissões do Sistema Confea/Crea, sendo regulamentado pela Lei nº 5.194/1966 e complementado pela Resolução nº 218/1973 do Confea. (Brasil, 1966; CONFEA, 1973).

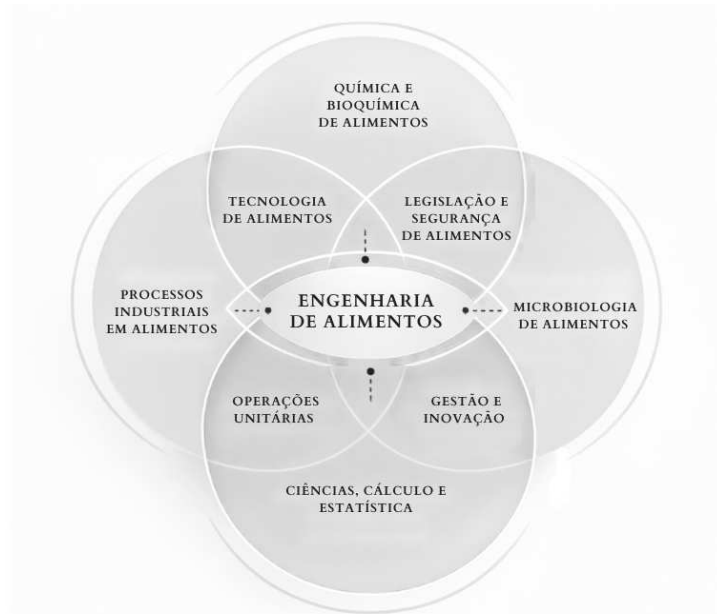
O Curso de Engenharia de Alimentos da Universidade Federal do Ceará (UFC) teve sua origem em 12 de setembro de 1975, por meio da Resolução nº 30 do Conselho Universitário (CONSUNI), a partir da iniciativa de professores do Departamento de Zootecnia do Centro de Ciências Agrárias (CCA). Inicialmente, o curso foi implantado com a denominação de Tecnologia de Alimentos, por se tratar de uma graduação de curta duração. Posteriormente, em 27 de janeiro de 1984, o CONSUNI/UFC aprovou sua reformulação para Engenharia de Alimentos, com adequações ao currículo mínimo da área. O reconhecimento definitivo ocorreu em 6 de agosto de 1984, por meio da Portaria nº 344 do Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, 1986).

Durante a formação dos engenheiros de alimentos na Universidade Federal do Ceará, o estudante desenvolve conhecimentos teóricos e práticos essenciais para atuar em todas as etapas do processamento de alimentos, abrangendo aspectos matemáticos, bioquímicos,

sensoriais, ecológicos e industriais, que fundamentam a formação no curso. A grade curricular é estruturada com disciplinas básicas, como Matemática, Física, Química e Biologia, além de conteúdos técnicos, como Fenômenos de Transporte, Operações Unitárias e Refrigeração. Também abrange disciplinas específicas da área, como Bioquímica e Microbiologia de Alimentos, Análise Sensorial e Tecnologia de Alimentos, bem como conhecimentos complementares em Administração e Economia (Universidade Federal do Ceará, 2026).

A Figura 2 ilustra os principais conhecimentos adquiridos pelo engenheiro de alimentos, de acordo com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Engenharia de Alimentos (Universidade Federal do Ceará, 2015).

Figura 2 – Diagrama de interseção das áreas de conhecimento do engenheiro de alimentos



Fonte: Adaptado de Universidade Federal do Ceará (2015)

#### 4.4 Atuação do engenheiro de alimentos

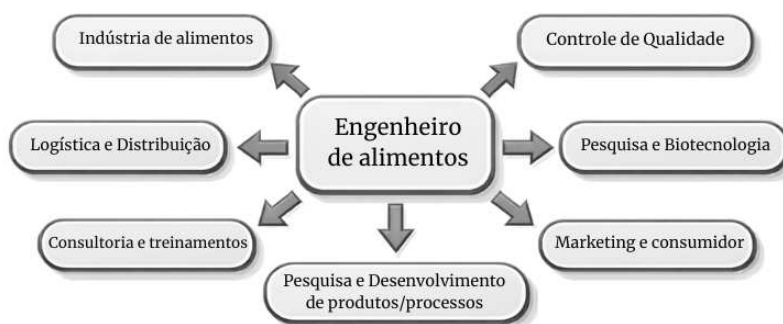
O profissional formado em engenharia de alimentos possui uma área de atuação abrangente, que lhe permite atuar em diferentes etapas da cadeia produtiva de alimentos, desde a seleção da matéria-prima até o transporte do produto final, incluindo indústrias de diversos portes, onde pode exercer funções de supervisão, gestão da produção e coordenação de equipes (Bazzo, 2018).

O engenheiro de alimentos contribui para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de equipamentos, tecnologias e processos aplicados à produção de alimentos. Ademais, pode atuar na prestação de serviços especializados e na capacitação de equipes por meio de treinamentos, palestras e outras atividades formativas (Guerra, 2024).

Além da indústria de alimentos, o engenheiro de alimentos também pode atuar em indústrias de insumos, embalagens, equipamentos e aditivos alimentares. Além disso, há oportunidades no setor comercial e de serviços, como supermercados, empresas de consultoria, instituições de pesquisa, órgãos de fiscalização e órgãos públicos (Universidade Federal do Ceará, 2026).

Entre as áreas de maior destaque estão o controle de qualidade e a implementação de sistemas de gestão da qualidade, bem como o desenvolvimento de novos produtos. Outros campos em expansão incluem a logística e a distribuição de alimentos, além do *marketing* aplicado ao setor alimentício, especialmente no que se refere à avaliação da aceitação dos produtos pelos consumidores (UPC, 2024; Universidade Federal do Ceará, 2026). A Figura 3, representa as áreas de atuação do engenheiro de alimentos.

Figura 3 – Diagrama de áreas de atuação do engenheiro de alimentos



Fonte: Da autora

A partir dessa diversidade de campos, observa-se que a Engenharia de alimentos engloba diferentes áreas do conhecimento, assumindo, portanto, um caráter interdisciplinar. Dessa forma, pode ser compreendida como a integração entre o domínio das operações industriais e as atividades relacionadas à produção de alimentos, além de sua atuação voltada às normas de qualidade vigentes e à oferta de praticidade e segurança aos consumidores (Albuquerque, 2022).

Assim, o engenheiro de alimentos desempenha funções de natureza técnica, científica e administrativa, evidenciando a amplitude e a importância de sua atuação profissional no setor alimentício (Piemolini-Barreto; Sandri, 2011).

#### **4.5 Competências e habilidades dos engenheiros exigidos pelo mercado de trabalho**

Segundo Brasil (2021), diante das atribuições e responsabilidades inerentes à atuação do engenheiro de alimentos, é imprescindível que esses profissionais busquem constantemente capacitação, aperfeiçoamento e o desenvolvimento de novas habilidades, a fim de atender às exigências e demandas do mercado de trabalho.

Ademais, o engenheiro de alimentos deve, ao longo de sua formação, buscar o aprimoramento de conhecimentos e o desenvolvimento de competências que o diferenciem, tornando-o mais preparado para enfrentar desafios e situações adversas no exercício profissional.

Segundo Albuquerque (2022), o engenheiro de alimentos deve, ao longo de sua formação, buscar o aprimoramento de conhecimentos e o desenvolvimento de competências que o diferenciem, tornando-o mais preparado para enfrentar desafios e situações adversas no exercício profissional. De acordo com Soares (2022), os novos métodos de produção decorrentes da Indústria 4.0 demandam desses profissionais competências atualizadas e formações distintas das tradicionalmente observadas, na pesquisa realizada pela autora, os entrevistados apontaram as seguintes habilidades como as mais importantes para o engenheiro de alimentos: Gestão de pessoas, liderança, pensamento crítico e inteligência emocional.

Além disso, observa-se uma crescente importância das competências comportamentais, uma vez que as organizações buscam profissionais capazes de atuar em ambientes dinâmicos, colaborativos e sujeitos a constantes transformações (Almeida; Fontana, 2025).

Musetti, Aguiar e Silva (2015), listaram cinco qualidades, cinco competências e cinco habilidades mais procuradas pelo mercado de trabalho em um futuro profissional de engenharia (Quadro 3):

Quadro 3 – Qualidades, competências e habilidades procuradas em um profissional de engenharia

| <b>Termo</b>                                             | <b>Descrição</b>                                                                                                                                                                                                                 |
|----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Valorização da diversidade e multiculturalidade</b>   | Capacidade de lidar com a diversificação da força de trabalho, incluindo pessoas com diferentes qualidades humanas ou pertencentes a diversos grupos culturais, considerando aspectos como idade, etnia, gênero, raça e cultura. |
| <b>Disciplina</b>                                        | Direcionamento da vontade para a execução de uma tarefa, envolvendo a habilidade de manter o foco e a intencionalidade da ação.                                                                                                  |
| <b>Capacidade de observação</b>                          | Qualidade pessoal que permite perceber diferentes aspectos e nuances de uma situação.                                                                                                                                            |
| <b>Energia</b>                                           | Força vital relacionada à motivação e ao bem-estar físico e emocional.                                                                                                                                                           |
| <b>Criatividade</b>                                      | Capacidade de identificar soluções novas e inusitadas, buscando otimizar resultados.                                                                                                                                             |
| <b>Autogerenciamento</b>                                 | Capacidade de gerir a própria atividade, negócios e carreira profissional.                                                                                                                                                       |
| <b>Adaptabilidade</b>                                    | Capacidade de se adaptar às mudanças em diferentes situações e contextos do cotidiano.                                                                                                                                           |
| <b>Educação contínua</b><br><b>Domínio da tecnologia</b> | Necessidade de manter-se intelectualmente ativo, buscando domínio do conhecimento e das tecnologias exigidas pela função.                                                                                                        |
| <b>Capacidade de trabalho em equipe</b>                  | Disposição para atuar de forma ética e colaborativa em grupo, respeitando diferenças, compartilhando conhecimentos e contribuindo para objetivos comuns.                                                                         |
| <b>Visão globalizada</b>                                 | Capacidade de compreender o todo a partir das partes, percebendo interações e influências entre elas.                                                                                                                            |
| <b>Capacidade de análise e síntese</b>                   | Habilidade de decompor e compreender as partes de um todo (análise) e recompor um novo todo a partir dos elementos principais (síntese).                                                                                         |
| <b>Planejamento e gestão de tempo</b>                    | Capacidade de organizar e priorizar atividades por meio de planejamento adequado para execução eficiente de tarefas.                                                                                                             |
| <b>Relacionamento interpessoal</b>                       | Capacidade de compreender e responder adequadamente ao comportamento de outras pessoas.                                                                                                                                          |
| <b>Responsabilidade ética</b>                            | Adequação do comportamento aos princípios morais, considerando o contexto cultural em que o indivíduo está inserido.                                                                                                             |
| <b>Poder de decisão</b>                                  | Capacidade de identificar e escolher entre diferentes alternativas.                                                                                                                                                              |

Fonte: Musetti e Silva (2015)

Assim, observa-se uma crescente valorização das habilidades comportamentais e interpessoais por parte dos recrutadores e buscados pelos próprios profissionais, uma vez que as organizações buscam colaboradores que, além do domínio técnico, sejam capazes de se adaptar ao ambiente de trabalho. A combinação dessas habilidades é essencial para atingir o nível de qualidade exigido em um mercado competitivo (Albuquerque, 2022; Guerra, 2024).

Desta forma, a formação do engenheiro de alimentos deve acompanhar as transformações tecnológicas da indústria, exigindo profissionais com adaptação às novas demandas do mercado.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 Perfil dos alunos

Dentre a população a ser estudada, 10 indivíduos foram submetidos a pesquisa. A amostra selecionada corresponde a alunos graduandos ou indivíduos graduados no curso de engenharia de alimentos pela Universidade Federal do Ceará, que realizaram mobilidade acadêmica durante a graduação através de programas de intercâmbio em parceria com a Universidade. O perfil dos participantes está apresentado no Quadro 4.

Quadro 4 – Indivíduos submetidos à pesquisa

| Participante    | Idade | Gênero    | Naturalidade | País de residência | Nível de escolaridade  |
|-----------------|-------|-----------|--------------|--------------------|------------------------|
| Entrevistado 1  | 37    | Feminino  | Brasileira   | França             | Pós Graduação          |
| Entrevistado 2  | 24    | Feminino  | Brasileira   | Brasil             | Ensino Sup. Incompleto |
| Entrevistado 3  | 24    | Feminino  | Brasileira   | Brasil             | Ensino Sup. Incompleto |
| Entrevistado 4  | 24    | Feminino  | Brasileira   | Brasil             | Ensino Sup. Completo   |
| Entrevistado 5  | 23    | Masculino | Brasileiro   | Brasil             | Ensino Sup. Incompleto |
| Entrevistado 6  | 25    | Feminino  | Brasileira   | Espanha            | Ensino Sup. Completo   |
| Entrevistado 7  | 25    | Feminino  | Brasileira   | Brasil             | Ensino Sup. Completo   |
| Entrevistado 8  | 37    | Feminino  | Brasileira   | Alemanha           | Pós Graduação          |
| Entrevistado 9  | 24    | Feminino  | Brasileira   | Brasil             | Ensino Sup. Completo   |
| Entrevistado 10 | 36    | Feminino  | Brasileira   | Brasil             | Pós Graduação          |

Fonte: Da autora

Os participantes da pesquisa possuem faixa etária de 23 a 37 anos, sendo predominantemente do gênero feminino (90%). Todos são brasileiros, no entanto, 3 dos 10 entrevistados residem atualmente no exterior. No que se refere ao nível de escolaridade, 3 participantes possuem Ensino Superior incompleto, 4 possuem Ensino Superior completo e outros 3 possuem Pós-Graduação.

Considerando que parte dos entrevistados possui nível superior incompleto, investigou-se a situação atual do curso desses participantes. Da mesma forma, os participantes com nível superior completo e pós graduação foram questionados quanto a data de conclusão do curso. Ademais, os entrevistados foram questionados sobre o ano de ingresso e o período de mobilidade acadêmica, descritos no Quadro 5.

Quadro 5 – Situação acadêmica dos entrevistados

| Participante    | Ano de Ingresso | Ano do Intercâmbio | Período de permanência | Status do curso | Ano de Finalização |
|-----------------|-----------------|--------------------|------------------------|-----------------|--------------------|
| Entrevistado 1  | 2008            | 2012               | 1 ano                  | Concluído       | 2014               |
| Entrevistado 2  | 2020            | 2024               | 1 ano                  | 13º Semestre    | -                  |
| Entrevistado 3  | 2020            | 2024               | 1 ano                  | 13º Semestre    | -                  |
| Entrevistado 4  | 2020            | 2023               | 1 ano                  | Concluído       | 2025               |
| Entrevistado 5  | 2021            | 2024               | 1 ano                  | 11º Semestre    | -                  |
| Entrevistado 6  | 2020            | 2023               | 10 meses               | Concluído       | 2025               |
| Entrevistado 7  | 2019            | 2024               | 1 ano                  | Concluído       | 2025               |
| Entrevistado 8  | 2007            | 2011               | 10 meses               | Concluído       | 2013               |
| Entrevistado 9  | 2020            | 2023               | 6 meses                | Concluído       | 2025               |
| Entrevistado 10 | 2008            | 2012               | 1 ano                  | Concluído       | 2014               |

Fonte: Da autora

O ano de ingresso no curso de engenharia de alimentos dos alunos se concentrou entre 2007 a 2021, foi observado que o intercâmbio, para esses alunos ocorreu entre o terceiro e o quinto ano após o ingresso no curso. Ademais, o período de mobilidade acadêmica variou entre seis meses e um ano, sendo que 70% dos participantes permaneceram no país de destino por um ano. Por fim, foi percebido que os alunos concluíram a graduação entre cinco e sete anos após o ingresso.

## 5.2 Modalidade e país de intercâmbio

Após a identificação do perfil e da situação acadêmica, os entrevistados foram questionados quanto à modalidade de intercâmbio. Nesse contexto, foi questionado o programa de fomento, o país de destino e a existência de concessão de bolsa de estudos pelo programa, as informações estão contidas no Quadro 6.

Quadro 6 – Modalidade de intercâmbio dos estudantes

| <b>Participante</b>    | <b>Programa de fomento</b> | <b>País de Intercâmbio</b> | <b>Bolsa de estudos</b> |
|------------------------|----------------------------|----------------------------|-------------------------|
| <b>Entrevistado 1</b>  | Capes Brafagri             | França                     | Sim                     |
| <b>Entrevistado 2</b>  | Capes Brafagri             | França                     | Sim                     |
| <b>Entrevistado 3</b>  | Capes Brafagri             | França                     | Sim                     |
| <b>Entrevistado 4</b>  | Capes Brafagri             | França                     | Sim                     |
| <b>Entrevistado 5</b>  | Capes Brafagri             | França                     | Sim                     |
| <b>Entrevistado 6</b>  | Capes Brafagri             | França                     | Sim                     |
| <b>Entrevistado 7</b>  | Capes Brafagri             | França                     | Sim                     |
| <b>Entrevistado 8</b>  | Capes Brafagri             | França                     | Sim                     |
| <b>Entrevistado 9</b>  | UFC Mundo                  | Portugal                   | Não                     |
| <b>Entrevistado 10</b> | Ciências sem Fronteiras    | França                     | Sim                     |

Fonte: Da autora

Observou-se que os programas de fomento mencionados pelos participantes incluem o Capes Brafagri, o UFC Mundo e o Ciências sem Fronteiras (CsF), sendo a Capes responsável pelo financiamento do intercâmbio de 8 dos 10 entrevistados. As atividades de cooperação internacional da CAPES são operacionalizadas por meio de acordos institucionais que viabilizam projetos de parcerias universitárias, ainda, destaca-se a cooperação estabelecida com a França, o que contribui para explicar a predominância desse programa de fomento e o destino entre os participantes da pesquisa (Brasil, 2011).

Além disso, o programa Ciência sem Fronteiras foi mencionado pelo Entrevistado 10 como uma modalidade de mobilidade acadêmica com concessão de bolsa. De acordo com informações do programa, havia a previsão de mais de 100 mil bolsas destinadas a estudantes no ano de 2011 (Junior, 2017). Nesse contexto, estudantes do curso de engenharia de alimentos da UFC também foram contemplados.

O Entrevistado 9 obteve como programa de fomento o UFC Mundo, sem concessão de bolsa, e diferente dos outros participantes que realizaram mobilidade para a França, o participante estudou em uma universidade de Portugal.

### 5.3 Motivação para realização do intercâmbio

Após serem questionados por quais motivos realizaram o intercâmbio, as motivações dos entrevistados foram divididas nos seguintes tópicos (Quadro 7) para melhor interpretação.

Quadro 7 – Motivação para realização do intercâmbio

| Motivação                                                                                     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
| Influência de parentes/amigos                                                                 |
| Aprender uma nova língua e conhecer uma nova cultura                                          |
| Melhores condições de vida (educação/moradia/saúde/viagens)                                   |
| Aperfeiçoamento de currículo/Obter novos conhecimentos na área (Interesse acadêmico/pesquisa) |
| Desenvolvimento pessoal                                                                       |

Fonte: Da autora

- Influência de parentes/amigos

Foi observado, a influência de colegas que realizaram, anteriormente, mobilidade acadêmica nestas instituições, como cita a Entrevistada 2: “Vi colegas compartilhando as experiências e achei bacana”, e Entrevistada 1: “[...] além disso, do ponto de vista pessoal, o fato de meu namorado estar na França, como bolsista do governo francês, influenciou bastante minha decisão”.

- Aprender uma nova língua e conhecer e conhecer uma nova cultura

A motivação relacionada ao aprendizado de um novo idioma e ao contato com outra cultura foi mencionada por todos os entrevistados, conforme exemplificado nos relatos a seguir:

[...] eu sempre considerei o aprendizado de uma nova língua algo muito importante (Entrevistada 1).

[...] também aprender uma nova língua, com certeza. Acho francês uma língua legal (Entrevistada 2).

Foi algo mais pessoal, principalmente conhecer uma nova cultura e uma nova língua (Entrevistada 4).

Então, eu sempre tive a intenção de estudar fora desde o ensino médio, principalmente por meio de intercâmbio linguístico (Entrevistada 7).

Eu estudava inglês e sempre tive o sonho de ir para os Estados Unidos para aprimorar o idioma. Porém surgiu a oportunidade de ir para a Universidade de Lorraine [...] mesmo sem saber falar francês, eu decidi aproveitar essa oportunidade e me inscrever (Entrevistada 8).

Acho que a vivência em outra cultura [...] treinar a língua estrangeira (Entrevistada 10).

Ampliando a perspectiva da motivação cultural, um dos entrevistados destacou: “Viajar e vivenciar um intercâmbio cultural sempre foram motivações importantes para mim. Eu tinha um *‘European Dream’*, embora ainda não soubesse exatamente como o alcançar, e enxerguei no programa uma oportunidade de chegar lá” (Entrevistado 5), a Entrevistada 6 relatou que sempre teve interesse em vivenciar diferentes experiências, destacando especialmente o desejo de explorar e conhecer novas culturas, a Entrevistada 2 afirmou que gostaria de conhecer “um novo mundo”.

- Melhores condições de vida

Entre as motivações dos estudantes, destacou-se o interesse em vivenciar a experiência de morar em outro país, frequentemente associado à busca por melhores condições de vida e, especialmente, às oportunidades de viagem. Nesse sentido, a Entrevistada 1 relatou que enxergou o intercâmbio como uma oportunidade única, destacando que morar sozinha e viajar eram experiências dificilmente acessíveis em outras circunstâncias, especialmente considerando sua realidade financeira. A participante também ressaltou o caráter marcante dessa vivência, como o fato de ter sido uma de suas primeiras viagens de avião.

De forma complementar, observou-se a recorrência das expressões “morar fora” e “viajar para fora” nos relatos dos participantes, evidenciando a relevância dessas experiências como motivação. Como exemplifica a Entrevistada 8: “A oportunidade de ir para outro país, conhecer uma cultura nova e viajar ‘para fora’ foram motivações muito importantes para mim”. De maneira semelhante, a Entrevistada 9 destacou que sempre teve o desejo de “morar fora”, especialmente em Portugal, enfatizando que sua motivação estava mais relacionada à experiência pessoal de viver em outro país do que a objetivos acadêmicos.

- Aperfeiçoamento de currículo e obter novos conhecimentos na área.

No âmbito acadêmico e profissional, observou-se que o aperfeiçoamento do currículo e a busca por novos conhecimentos na área constituíram motivações recorrentes entre os participantes.

Nesse sentido, a Entrevistada 1 afirmou que enxergou a experiência como uma grande oportunidade de aperfeiçoar seu currículo e “adquirir conhecimentos mais ‘diferenciados’”. A entrevistada 8 afirmou: “Busquei obter conhecimentos na área que não eram tão abordados no curso de engenharia de alimentos”.

Além disso, os participantes reconheceram o valor dessa vivência no currículo especialmente pela valorização no mercado de trabalho, como apontado pelos entrevistados 4 e 5.

[...] pelo lado profissional, o quanto é bem visto ter essa experiência fora, no currículo (Entrevistada 4).

[...] sem contar o diferencial acadêmico de ter uma formação vinculada a uma instituição internacional no currículo, o que agrega muito valor (Entrevistado 5).

A Entrevistada 3 destacou o interesse no intercâmbio como meio de qualificação profissional e desenvolvimento na carreira, com vistas à futura condição de renda:

O intercâmbio para mim foi uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, tinha o objetivo de me profissionalizar e, futuramente, alcançar uma maior estabilidade financeira (Entrevistada 3).

Além da inserção no mercado de trabalho, observou-se, entre os participantes, o interesse pela continuidade da trajetória acadêmica por meio da pós-graduação. Nesse sentido, o intercâmbio foi percebido como um meio de aproximação com a pesquisa científica e como um fator que pode favorecer o ingresso nesse tipo de programa, conforme destacado pela Entrevistada 2: “Quero ‘pesquisa’ e tinha na minha cabeça que um intercâmbio no currículo traria isso”. A Entrevistada 7 relatou: “Sempre tive interesse pela área de pesquisa. Meu objetivo era melhorar o currículo acadêmico, participar de projetos, futuramente publicar artigos e, conseqüentemente, iniciar um mestrado”.

- Desenvolvimento pessoal

O Desenvolvimento pessoal foi citado como motivação, de forma direta, por dois dos entrevistados.

O desenvolvimento pessoal [...] viver uma experiência diferente e me desafiar em outro contexto (Entrevistada 8).

Também enxerguei como um momento de desenvolvimento pessoal, já que teria que aprender a gerir meu próprio dinheiro, morar sozinha [...] (Entrevistada 1).

#### **5.4 Escolha do local e Instituição de Ensino**

Quando questionados sobre as principais razões para escolha da Instituição e local de destino, os participantes 1, 3 e 10 relataram que, em decorrência do processo seletivo do programa de intercâmbio, não obtiveram opção de escolha.

Parte dos demais entrevistados relataram que o estilo de vida das cidades onde estavam as universidades foram decisivos. Como cita a entrevistada 4: “Principalmente a cidade, porque as outras não me agradaram tanto. O estilo de vida também pesou bastante, eu buscava uma cidade menor, onde fosse mais fácil morar perto do Instituto, que não fosse grande demais, mas também não tão pequena a ponto de não oferecer boas opções”.

O entrevistado 5 pontuou a escolha através de opções de lazer e diversidade:

Dentre as opções, escolhi essa porque era a que melhor se encaixava nos meus requisitos: ser uma cidade grande, mas não tão cara. No fim, foi basicamente por ser uma cidade de tamanho médio.

Também levei em consideração o fato de ter mais opções de lazer e atividades, além de ser um polo universitário. A presença de grandes escolas contribuía para isso, atraindo estudantes de diferentes lugares.

Outro ponto importante foi a diversidade: haviam muitas pessoas [...] incluindo uma comunidade brasileira bastante significativa, o que também influenciou na minha escolha (Entrevistado 5).

A localização da Universidade e a sua proximidade da residência de parentes foi uma motivação citada por 2 dos entrevistados. A Entrevistada 9 afirmou que escolheu a universidade pois seu irmão residia na mesma cidade, a Entrevistada 6 afirmou “[...] além disso, também pesou o fato de ser mais próxima de onde minha mãe morava”.

A infraestrutura, a área de estudos de interesse e as disciplinas ofertadas pelas universidades foi a motivação citada por 5 dos 7 entrevistados. A entrevistada 4 relata:

“Ao analisar os sites dos institutos, percebi que o Instituto tinha uma linha de atuação mais alinhada com a engenharia de alimentos e a infraestrutura da universidade foi algo que também me chamou atenção [...] então, levei em consideração a cidade, o foco da instituição e a infraestrutura da universidade”. Os entrevistados 7 e 8 apontam:

Analisando as propostas e formações que as Universidades ofereciam, a de Dijon foi a que mais me interessou, por uma oferta de especialização. Além disso, como eu já tinha um bom desenvolvimento na engenharia na UFC e já havia cursado

disciplinas básicas e específicas, o segundo ano não seria tão proveitoso para mim. Dessa forma, ao optar pelo terceiro ano, eu teria a oportunidade de ter contato com conteúdos mais diferentes e mais alinhados ao meu objetivo (Entrevistada 7).

[...] também levei em consideração a grade curricular: não fazia sentido para mim ir para outras universidades ou ingressar em outros anos, porque eu já tinha cursado muitas das disciplinas ofertadas (Entrevistada 2).

Eu tinha interesse em aprender mais sobre embalagens biodegradáveis e também em estagiar em laboratório, com o objetivo de desenvolver pesquisas nessa área. Era algo que a gente não estudava a fundo na UFC e só tinha de forma superficial (Entrevistada 8).

A aluna 6 afirmou: “Escolhi essa opção por ser mais voltada para a área de tecnologia e engenharia, que tenho mais afinidade [...]”.

## **5.5 Desenvolvimento pessoal: habilidades e competências**

Com base nos relatos sobre os aspectos positivos do intercâmbio, sua contribuição para o desenvolvimento pessoal e competências desenvolvidas, observou-se que a experiência gerou impactos relevantes em diferentes dimensões da trajetória dos participantes.

De modo geral, evidenciou-se o desenvolvimento e o aprimoramento de diversas capacidades associadas às vivências no exterior, que serão apresentadas e discutidas nos tópicos a seguir.

### **5.5.1 Autonomia**

Os participantes destacaram aspectos relacionados ao fortalecimento da autonomia e do amadurecimento individual. Por parte dos participantes, a experiência foi associada a capacidade de atuar de forma independente no país estrangeiro e assumir responsabilidades em diferentes cenários. Nesse sentido, a Entrevistada 7 relatou:

A experiência me trouxe muita independência. Sair da zona de conforto, resolver as coisas sozinha e lidar com a burocracia fez com que eu desenvolvesse bastante essa autonomia. A gente acaba se virando por conta própria, mesmo tendo um suporte da universidade e do setor de relações internacionais (Entrevistada 7).

Do mesmo modo, a Entrevistada 3 afirmou: “Evoluí de muitas formas. Desenvolvi mais autonomia e individualidade, aprendi a me posicionar e a resolver tudo sozinha. Estar em um país sozinha, falando outra língua, me fez crescer muito nesse sentido. Como ninguém me conhecia, eu simplesmente ia lá e fazia, mesmo errando ou passando por situações constrangedoras, e isso foi essencial para o meu desenvolvimento pessoal”, de forma similar,

a Entrevistada 2 cita: “Essa experiência me ajudou a não ficar esperando pelos outros e a tomar iniciativa para resolver os problemas”.

A Entrevistada 6 citou: “Além disso, é uma experiência que faz você amadurecer e crescer muito. Você precisa se virar sozinho, o que acaba sendo um verdadeiro choque de realidade”. A Entrevistada 10 reforça o pensamento da Entrevistada 6: “Isso me fez amadurecer em vários aspectos [...] até em questões de sobrevivência no dia a dia”.

Os entrevistados 4 e 5 destacam a autonomia como uma das principais habilidades desenvolvidas durante o intercâmbio, especialmente em função das diferenças no sistema acadêmico: “No Brasil temos mais acompanhamento dos professores, enquanto lá a dinâmica é muito mais autônoma, e precisamos nos adaptar a isso” (Entrevistada 4). “Eu acho que, dentre todas, a autonomia foi a competência que mais desenvolvi. Porque a gente realmente precisa desenvolver isso. Na faculdade, você tem que estudar sozinho, tanto pela forma como o conteúdo é ensinado quanto pela estrutura do sistema francês, que prevê tempo para estudo individual” (Entrevistado 5).

### **5.5.2 Relacionamento interpessoal**

Os participantes destacaram o desenvolvimento de habilidades relacionadas à convivência e ao relacionamento interpessoal. A Entrevistada 4 relatou: “Acho que ganhei muito em termos de conhecer opiniões diferentes e aprender a lidar com elas”. De modo semelhante, o Entrevistado 5 apontou que a vivência no exterior ampliou sua percepção sobre a pluralidade:

No aspecto pessoal, houve uma ampliação muito grande da minha visão. Passei a interpretar melhor a pluralidade ao meu redor, entendendo que as pessoas têm formas diferentes de pensar e agir. Estar em outra cultura me ajudou a compreender isso na prática e a saber como lidar melhor com essas diferenças no dia a dia (Entrevistado 5).

Ademais, a Entrevistada 6 destacou que o intercâmbio possibilitou a percepção de diferenças na forma de lidar com equipes e no enfrentamento da barreira linguística. Nesse mesmo sentido, a Entrevistada 9 evidenciou a importância da convivência com a diversidade ao afirmar que foi necessário “aprender a lidar com pessoas diferentes e entender que você precisa saber conciliar todas as diferenças que encontra na cidade”.

### **5.5.3 Adaptabilidade**

A vivência do intercâmbio também se mostra um fator determinante para o desenvolvimento da adaptabilidade, uma vez que os indivíduos são constantemente expostos a contextos desconhecidos e desafiadores.

Nesse sentido, a Entrevistada 4 relata que “Não há descrição melhor para o intercâmbio, ‘lá’ tudo é diferente e novo, e você precisa se adaptar, não tem muita opção, principalmente pelo modo diferente de ensino e pelo comportamento das pessoas, você acaba se adaptando como um todo”. De modo complementar, observa-se que essa experiência pode tanto desenvolver quanto intensificar competências pré-existentes, conforme relatado pela Entrevistada 8: “Com certeza, eu acho que hoje sou uma pessoa extremamente tolerante e adaptável [...] talvez eu tenha apenas aprimorado essas características durante o intercâmbio”.

Os participantes também frisaram que o intercâmbio foi essencial para que desenvolvessem a capacidade de superar as adversidades com equilíbrio e otimismo: “Essa adaptação acaba desenvolvendo bastante a resiliência, tanto pessoal quanto profissional. No fim, acredito que a maior competência que desenvolvi foi justamente essa capacidade de lidar com situações diferentes” afirmou a Entrevistada 4.

A Entrevistada 10 complementou: “Diante de todas as dificuldades que enfrentamos no intercâmbio, a gente se fortalece mentalmente, deixa de se abalar por qualquer coisa e se torna mais forte e resiliente [...] foi muito importante estar em um lugar onde eu não falava a língua e era a única estrangeira da turma”.

### **5.5.4 Comunicação**

Ademais, destacou-se o aprimoramento da comunicação entre os participantes a Entrevistada 4 relatou que a experiência contribuiu para essa habilidade, destacando a necessidade de adaptar sua forma de se expressar, quando afirmou:

Desenvolvi uma comunicação mais assertiva, sobretudo durante o estágio. Eu precisava me comunicar com pessoas que não tinham muito tempo disponível, então aprendi a ser mais direta e objetiva, justamente como forma de otimizar o tempo dos outros (Entrevistada 4).

De forma semelhante, a Entrevistada 2 afirmou que o contato com novas pessoas na universidade e no laboratório, bem como a necessidade de buscar ativamente os professores, contribuiu para a superação da timidez, o que teve impactos positivos em sua comunicação, e ressaltou: “Essa perda de timidez melhorou muito”.

A Entrevistada 8 evidenciou o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem de línguas, a partir da experiência prévia com outro idioma, quando afirma: “Até aquele momento, eu tinha bastante dificuldade com aprendizado de línguas, mas depois que aprendi o francês, o inglês passou a ser muito mais simples para mim. De certa forma, depois do francês, senti que ‘desbloqueei’ o inglês na minha cabeça”.

### **5.5.5 Gestão do tempo**

Os entrevistados 3, 4, e 6 evidenciaram o desenvolvimento da competência de gestão do tempo, diante das múltiplas demandas vivenciadas durante o intercâmbio, o que exigiu maior organização e controle da rotina. A Entrevistada 3 relatou o desenvolvimento dessa competência a partir da necessidade de conciliar a demanda acadêmica com a vida pessoal:

Dar conta dos estudos, das viagens, do lazer, da família e ainda lidar com o fuso horário diferente foi um grande desafio. Durante o estágio, que tomava praticamente todo o meu dia, eu precisei aprender a conciliar tudo isso e continuar vivendo minha rotina. Com certeza, essa experiência me fez desenvolver muito essa competência de organização e gestão do tempo (Entrevistada 3).

A Entrevistada 6 afirmou: “Desenvolvi bastante a gestão do tempo, porque você entende que é responsável por tudo e que o seu tempo precisa ser bem calculado, então passa a ter um controle maior sobre ele”. De modo similar, a Entrevistada 4 destacou a organização, segundo a participante, aprimorou essa habilidade, tornando-se mais estratégica, especialmente após o estágio:

No período da universidade, temos muitos projetos e precisamos ser bastante independentes em relação aos professores. Então eu mesma administrava meu tempo e o desenvolvimento do meu projeto. Após o estágio, consegui me desenvolver ainda mais, e isso foi muito positivo. Eu já era organizada, mas melhorei bastante, ficando mais perspicaz na forma de me organizar (Entrevistada 4).

De modo complementar, o Entrevistado 5 destaca que a vivência no ambiente de trabalho exigiu maior organização e planejamento das atividades, ao afirmar que “já no trabalho, eu tinha muita liberdade em relação ao que precisava fazer, então cabia a mim determinar quais seriam os próximos passos”.

### **5.5.6 Gestão financeira**

A Entrevistada 1 destacou o desenvolvimento da gestão financeira, ressaltando a necessidade de organização para arcar com suas despesas durante o intercâmbio. Quando afirmou: “Se você não for uma pessoa ‘desorganizada’, não conseguiria se manter”.

### **5.5.7 Valorização da diversidade e multiculturalidade**

A vivência do intercâmbio também contribuiu significativamente para o desenvolvimento da valorização da diversidade e da multiculturalidade uma vez que os participantes foram inseridos em contextos marcados pela convivência com diferentes nacionalidades, culturas e formas de pensar. Nesse cenário, a aquisição de novas competências ocorre de forma quase inevitável, como destaca o Entrevistado 3 ao afirmar que “é uma consequência de aprender uma nova língua, estar sozinha no país, isso meio que te obriga a obter essas novas competências”.

Além disso, os relatos evidenciam que essa experiência possibilita uma compreensão mais profunda das diferenças culturais. A Entrevistada 6 ressalta que “também desenvolvi a questão da multiculturalidade, ao compreender melhor as origens e os comportamentos das pessoas, percebendo como eles estão diretamente relacionados às suas culturas”. De forma complementar, o Entrevistado 8 destaca a convivência em ambientes internacionalizados como um fator relevante, ao mencionar que “fazia parte de um mestrado internacional e havia alunos de várias nacionalidades [...] ou seja, pessoas de culturas completamente diferentes”.

Os participantes também enfatizam a importância de aprender a lidar com a diversidade no cotidiano. Nesse sentido, a Entrevistada 9 afirma que foi necessário “aprender a lidar com pessoas diferentes e entender que você precisa saber conciliar todas as diferenças que encontra na cidade”. Por fim, a Entrevistada 10 amplia essa reflexão ao destacar que a multiculturalidade vai além do contato com diferentes culturas, envolvendo o respeito às diferenças em múltiplos aspectos, como língua, hábitos e valores, ao afirmar que “não é nem apenas lidar com novas culturas, mas saber lidar com o que é diferente de você [...] é aprender a respeitar isso [...] e simplesmente aceitar o que é diferente”.

## **5.6 Conhecimentos obtidos no curso de engenharia de alimentos**

No que se refere aos conhecimentos adquiridos no contexto acadêmico, buscou-se identificar, a partir dos relatos dos participantes, quais conteúdos e aprendizados foram proporcionados pela universidade durante o período de estudos. Segundo Knight (2008), a

mobilidade acadêmica internacional contribui para a ampliação dos conhecimentos dos estudantes ao possibilitar contato com diferentes metodologias de ensino, experiências educacionais e contextos culturais. Os relatos dos entrevistados estão descritos no Quadro 8.

Quadro 8– Aprendizados relacionados a engenharia de alimentos no exterior

| Participante   | Área de Estudos                                                                                     | Relato                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Entrevistado 1 | Produção de Queijos                                                                                 | “Durante minha formação, adquiri conhecimentos na área de indústrias lácteas e também me formei como <i>fromager</i> , aprendendo, na prática, a produzir queijos. Essa experiência foi extremamente relevante, pois contribuiu diretamente para minha participação em um projeto [...], voltado ao desenvolvimento de iogurte a partir de leite de cabra”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Entrevistado 2 | Microbiologia                                                                                       | “Na universidade tive práticas e projetos em que precisamos utilizar a microbiologia, e tudo que sei dessa área eu aprendi de lá”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Entrevistado 4 | Matemática e Modelagem Computacional<br>Inovação e Propriedade Intelectual<br>Engenharia de Produto | “Tive mais contato com ferramentas como Excel, modelagem matemática e análises de viabilidade, para entender se um resultado é esperado ou não. Sinto que isso ainda é pouco explorado no Brasil, enquanto lá é mais desenvolvido”.<br>“Além disso, tive contato com temas como desenvolvimento de patentes, o que eu não tinha visto no Brasil. Também utilizamos ferramentas como o <i>Bio Render</i> para a criação de figuras gráficas e outros sites voltados à visualização de proteínas. Tivemos ainda aulas sobre ciclo de vida de produtos e exploramos diferentes tecnologias disponíveis. De forma geral, o grande destaque foi essa abordagem mais voltada para a engenharia”. |
| Entrevistado 5 | Gestão da Qualidade<br>Ciência de Dados/Estatística                                                 | “Acho que aprendi muito na área da qualidade, principalmente em relação a como funcionam documentos, processos e tratamento de dados, utilizando ferramentas como <i>R</i> e Excel”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Entrevistado 6 | Ciência de Dados/Estatística<br>Tecnologia de Alimentos                                             | “Programas, equipamentos e também desenvolvi mais noções de estatística, além de habilidades com Excel, como montar tabelas, gráficos e analisar dados”.<br>“Aprendi bastante sobre aromas, o que me chamou muita atenção, porque até então eu achava que a nossa área estava mais focada apenas em produzir alimentos e garantir a segurança alimentar”. “Também tive contato com a parte de aditivos alimentares”.                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Entrevistado 7 | Microbiologia<br>Tecnologia de Alimentos                                                            | “Tivemos aulas específicas sobre fermentação e conseguimos ver isso também na prática. Além disso, pudemos visitar empresas e indústrias de alimentos, entendendo como os processos funcionam na realidade e aplicando esses conhecimentos”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

|                        |                                                                                           |                                                                                                                                                                   |
|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Entrevistado 8</b>  | Ciência dos Materiais<br>Embalagens                                                       | “Aprendi sobre ciência de materiais e embalagens [...] durante essa experiência, estudei diferentes tipos de materiais, como vidro, metais, papelão e plásticos”. |
| <b>Entrevistado 10</b> | Automação industrial<br>Mecânica dos fluidos<br>Higiene industrial<br>Gestão da qualidade | “Tive bastante contato com automação industrial [...] também estudei conteúdos como higiene, mecânica dos fluidos e gestão”.                                      |

Fonte: Da autora

As entrevistadas 2 e 7 destacaram aprendizados em Microbiologia, enquanto a Entrevistada 8 mencionou conteúdos relacionados à Ciência dos Materiais e às Embalagens, essas áreas integram a formação do engenheiro de alimentos e desempenham papel fundamental em sua atuação profissional, por fornecerem subsídios essenciais para o desenvolvimento e o controle dos produtos (Franco, 2023; Gava et al., 2008).

Dentre os relatos dos participantes, foi observado a aquisição de conhecimentos em Tecnologia de Alimentos, isto é, a área responsável pelo desenvolvimento, processamento, conservação e controle de qualidade dos alimentos. Segundo Ordóñez (2005), o domínio desta área garante segurança e eficiência industrial.

Ademais, os entrevistados destacaram áreas como Matemática e Modelagem Computacional, Ciência de Dados/Estatística e Automação Industrial/Controle, conhecimentos relacionados à Indústria 4.0, a qual amplia a necessidade de profissionais capacitados para atuar em ambientes industriais cada vez mais digitalizados, automatizados e integrados (Schwab, 2016).

Os entrevistados também destacaram a realização de atividades práticas, apontando que esse aspecto foi mais explorado na instituição estrangeira do que na UFC. Nesse sentido, o Entrevistado 5 enfatizou que a instituição francesa oferecia “uma estrutura prática excelente, com laboratórios modernos e bem equipados”, favorecendo a aplicação dos conhecimentos adquiridos. De forma semelhante, a Entrevistada 7 destacou que, nos laboratórios, os estudantes tinham acesso a equipamentos inexistentes na UFC e podiam operá-los diretamente, ampliando sua experiência prática. Essa percepção também é compartilhada pela Entrevistada 6, que afirmou que a experiência internacional lhe permitiu perceber que “na nossa universidade, temos uma formação muito teórica e ainda carecemos de mais prática”, mencionando especialmente o contato com atividades aplicadas.

## 5.7 Realização de estágio no exterior

Considerando que o estágio supervisionado desempenha um papel essencial na formação acadêmica e profissional, por possibilitar a consolidação dos conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula por meio da experiência prática no ambiente de trabalho (Silva, 2024) e que de acordo com a Universidade Federal do Ceará (2023), este componente curricular pode ser realizado em uma instituição estrangeira durante a mobilidade acadêmica, os entrevistados foram questionados sobre realização de estágio no exterior, foram obtidas as informações abaixo (Quadro 9).

Quadro 9 – Estágio no exterior

| Participante    | Realizou estágio? | Período de estágio    | Qual tipo de instituição? | Área de pesquisa ou área atuação                        |
|-----------------|-------------------|-----------------------|---------------------------|---------------------------------------------------------|
| Entrevistado 1  | Sim               | 6 meses               | Instituto de pesquisa     | Método de conservação                                   |
| Entrevistado 2  | Sim               | 5 meses               | Instituto de pesquisa     | Métodos de extrusão e desenvolvimento de novos produtos |
| Entrevistado 3  | Sim               | 5 meses               | Indústria                 | Controle de Qualidade                                   |
| Entrevistado 4  | Sim               | 5 meses               | Instituto de pesquisa     | Aplicação de tecnologia de pré-tratamento               |
| Entrevistado 5  | Sim               | 3 meses               | Indústria                 | Gestão da Qualidade                                     |
| Entrevistado 6  | Não               | -                     | -                         | -                                                       |
| Entrevistado 7  | Sim               | 5 meses               | Instituto de pesquisa     | Aplicação de tecnologia de pré-tratamento               |
| Entrevistado 8  | Sim               | 4 meses               | Instituto de pesquisa     | Desenvolvimento de Embalagem                            |
| Entrevistado 9  | Não               | -                     | -                         | -                                                       |
| Entrevistado 10 | Sim               | Alternância (8 meses) | Indústria                 | Logística e produção                                    |

Fonte: Da autora

Dos 10 participantes, 8 obtiveram experiência em estágio durante a mobilidade acadêmica, a experiência dos participantes durou de 3 a 8 meses. Dos 8 entrevistados, 3 realizaram estágio em Indústria, enquanto os outros 5 realizaram em instituto de pesquisa.

A predominância de estágios em institutos de pesquisa pelos entrevistados pode ser explicada pelas oportunidades oferecidas pelas instituições estrangeiras, que em alguns casos

disponibilizam estágios em laboratórios vinculados a professores pesquisadores, favorecendo a inserção dos estudantes nesse ambiente (Instituto Agro Montpellier, 2026).

As áreas de atuação citadas pelos entrevistados foram Gestão e Controle da Qualidade, Métodos de Conservação, Aplicação de novas tecnologias, Desenvolvimento de novos Produtos (extrusados e embalagens) e Processos (extrusão). Os conhecimentos mencionados pelos entrevistados abrangem diferentes áreas fundamentais para a formação do engenheiro de alimentos, envolvendo aspectos relacionados ao processamento, conservação, desenvolvimento de produtos, controle de qualidade e segurança alimentar. Segundo Gava *et al.* (2008) a atuação na área de alimentos exige conhecimentos multidisciplinares voltados aos processos tecnológicos e industriais aplicados aos alimentos.

## **5.8 Capacitação profissional**

As percepções dos participantes em relação à contribuição do intercâmbio para a preparação profissional e inserção no mercado de trabalho foram positivas, evidenciando que a experiência foi considerada relevante para a formação e atuação profissional.

A Entrevistada 3 ressaltou que a experiência de intercâmbio foi fundamental para sua inserção profissional, destacando que os conhecimentos e vivências adquiridos contribuíram diretamente para o posto em que atua. Como afirma: “Sim, com certeza, foi uma experiência essencial. Tenho bagagens e referências para citar e para realizar no trabalho”. A participante também destacou a capacidade de adaptação como um diferencial valorizado durante o processo seletivo. A Entrevistada 10 destacou que a vivência no exterior contribuiu para uma postura mais receptiva diante de novas experiências e desafios, aspecto que passou a considerar um diferencial no mercado de trabalho, como afirma: “Para mim, foi muito rico esse aspecto de estar aberta ao novo. E isso também se tornou uma vantagem no mercado de trabalho, onde precisamos justamente dessa abertura, de sair da caixa e lidar com o novo”.

Nesse contexto, Graglia, Basilio e Almeida (2022) afirmam que o mercado de trabalho contemporâneo demanda profissionais com competências comportamentais, como adaptação, pensamento inovador e capacidade de enfrentar desafios em cenários de constantes mudanças, considerando essas características diferenciais importantes no contexto profissional atual.

A Entrevistada 6 afirmou que a principal contribuição do intercâmbio para sua preparação profissional esteve relacionada ao desenvolvimento da capacidade de lidar com diferentes perfis e comportamentos. A participante destacou que a convivência com pessoas

distintas, a inserção em grupos e a adaptação às diferentes dinâmicas sociais foram aspectos importantes para seu crescimento profissional. Silva *et al.* (2023) afirmam que o relacionamento interpessoal é cada vez mais valorizado nas organizações, pois favorece a comunicação, a interação e a produtividade no ambiente de trabalho.

Ademais, o Entrevistado 5 destacou que a experiência de intercâmbio contribuiu para o fortalecimento da confiança profissional, especialmente ao perceber sua capacidade de desempenhar atividades de forma autônoma, sem a necessidade de acompanhamento constante. De forma similar, a Entrevistada 4 afirmou: “[...] o fato de trabalhar de forma mais independente contribuiu muito para o meu desenvolvimento”. A competência profissional envolve diferentes dimensões, incluindo a capacidade de atuação autônoma em variados contextos de trabalho (Manfredi, 1998).

Por outro lado, a Entrevistada 4 aponta que a experiência em centro de pesquisa, bem como o contato com profissionais pesquisadores ampliou suas perspectivas e contribuiu para o seu fortalecimento na carreira acadêmica. Do mesmo modo, a Entrevistada 7 destacou que o intercâmbio proporcionou uma maior compreensão sobre o funcionamento da pesquisa acadêmica, contribuindo para que se sentisse mais preparada para atuar nessa área. Segundo Bueno *et al.* (2024), a mobilidade acadêmica internacional contribui para a ampliação das perspectivas acadêmicas e profissionais, além de favorecer redes de colaboração científica e o desenvolvimento da carreira de pesquisadores.

## **5.9 Diferencial no currículo**

Parte dos participantes demonstraram percepções positivas em relação a mobilidade como diferencial em suas trajetórias acadêmicas e profissionais. De modo geral, os relatos evidenciaram que a experiência de intercâmbio agregou valor ao currículo e contribuiu para oportunidades relacionadas tanto à inserção no mercado de trabalho quanto ao ingresso e desenvolvimento na pós-graduação. A Entrevistada 1, que passou a atuar no mercado de trabalho francês afirmou:

Se eu não tivesse participado desse programa, a minha inserção na França teria sido muito mais difícil.  
Nem tudo foi fácil [...] ainda assim, o fato de eu ter estudado aqui me colocou em uma posição melhor nas entrevistas de emprego no exterior, já que essa vivência agrega valor ao meu perfil. Dessa forma, posso dizer que o programa abriu portas para mim, especialmente porque eu já tinha a intenção de me estabelecer aqui (Entrevistada 1).

Desse modo, a experiência de mobilidade acadêmica internacional foi percebida pela participante como um fator facilitador para sua inserção profissional no exterior.

Ademais, a Entrevistada 3 ressaltou que a vivência internacional “abriu muitas portas” e afirmou que, diante de um cenário com muitos profissionais qualificados, essa experiência foi fundamental para seu destaque profissional. Além disso, relatou que: “sem o intercâmbio, não sei se teria sido tão fácil conseguir algumas oportunidades”, evidenciando o valor atribuído à mobilidade acadêmica em sua trajetória. No entanto, ela apontou que se trata de uma experiência individual, ao afirmar: “Pra mim foi, mas não acho que para todos seja, mas depende da área [de atuação] e da empresa”

No âmbito acadêmico, as participantes 4 e 8 destacaram que a experiência de intercâmbio teve papel relevante em oportunidades na pós-graduação. A Entrevistada 4 relatou que a vivência internacional contribuiu significativamente para sua aprovação no mestrado e na obtenção de bolsas, afirmando: “Isso pontua muito [...] todos os avaliadores que analisaram meu currículo destacaram minha experiência profissional no exterior. Com certeza, é um diferencial”. De forma semelhante, a Entrevistada 8 afirmou acreditar que sua experiência prévia em intercâmbio influenciou positivamente sua aceitação no mestrado nos Estados Unidos, ressaltando que “esse tipo de vivência acaba tendo um certo peso”.

Ainda, a Entrevistada 8 relatou:

[...] e pensando também na seleção de pós-doutorado na Alemanha, percebo que eles valorizam muito a carreira internacional do candidato e a capacidade de adaptação. Ter experiências fora do país realmente se torna um diferencial importante nesses processos. Muitas vezes, não se trata apenas de quantidade de publicações, mas também da vivência internacional. Se a pessoa permanece apenas no seu laboratório, sem essas experiências externas, pode ter menos chances em comparação com candidatos que já tiveram essa experiência fora (Entrevistada 8).

Os participantes 2, 5 e 7 consideram que a experiência internacional ainda não teve impacto determinante em suas carreiras, mas acreditam que poderá representar um diferencial relevante futuramente. “Eu acho que ainda vai ser sim [...] acredito que futuramente, principalmente na área de P&D Industrial, essa experiência vai ser um diferencial importante” ressaltou a Entrevistada 7. A entrevistada 2 disse: “Não foi algo que precisei ainda, mas como quero tentar mestrado, intercâmbio e o teste de proficiência contam e tenho certeza que vai me ajudar nisso”. Já o Entrevistado 5 destacou que a experiência desperta interesse e valorização por parte de terceiros ao ser compartilhada.

Outro aspecto relevante é trazido pelos participantes 1, 6 e 8, que ressaltam que a vivência internacional nem sempre assegura a seleção para vagas no mercado de trabalho.

Eu acho que muitas vezes a gente pensa que o intercâmbio vai automaticamente dar um salto para o mercado de trabalho, mas na prática não é bem assim. Hoje, o meu currículo pode sim ser um diferencial, mas isso não significa necessariamente que eu seria a escolhida no mercado de trabalho.

A efetivação ou não em uma vaga é outra história, que depende de vários outros fatores além da experiência internacional (Entrevistada 6).

Por não ter experiência no mercado de trabalho, eu não conseguia ser selecionada (Entrevistada 8).

Nem tudo foi fácil: passei por um período de desemprego, o que foi desafiador (Entrevistada 1).

## 5.10 Correspondência das expectativas

Quando questionados sobre as expectativas e a realização delas, os participantes apresentaram uma percepção positiva, destacando que a experiência atendeu ou superou o que esperavam inicialmente. O Quadro 10 descreve os dos relatos dos participantes que mencionaram suas expectativas:

Quadro 10 – Correspondência das expectativas

| Entrevistado   | Resultados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Entrevistado 1 | “Eu fui muito além das expectativas que eu tinha [...] consegui passar na universidade, e consegui a menção <i>bien</i> , ou seja, uma boa menção”.                                                                                                                                                                                                                                    |
| Entrevistado 2 | “Em relação ao francês, consegui evoluir bem, especialmente durante o período de estágio, então essa expectativa foi atendida”.<br>“Consegui adquirir conhecimentos em microbiologia, sobretudo no nível básico, o que contribuiu para ampliar minha formação”.<br>“[...] além disso, tive a oportunidade de viajar bastante e conhecer lugares incríveis ao longo dessa experiência”. |
| Entrevistado 3 | “Deu certo e em um resumo foi como eu imaginava e foi ainda melhor”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Entrevistado 4 | “Foi uma experiência sensacional poder me conectar com pessoas de diferentes países por meio dessa nova língua”.<br>“[...] por outro lado, a experiência foi muito válida no sentido de visitar e conhecer novas empresas”.                                                                                                                                                            |
| Entrevistado 5 | “Sim, com toda certeza, foi um período muito bom, consegui uma fluência muito boa, eu acho que foi bom, consegui todas as experiências que um intercâmbio poderia proporcionar, consegui ter contato com empresas e consegui viajar”.                                                                                                                                                  |
| Entrevistado 6 | “Sim, apesar de no início haver uma certa frustração e um período de adaptação [...] com o tempo, essa fase passa e a experiência acaba correspondendo às expectativas”.                                                                                                                                                                                                               |
| Entrevistado 7 | “Já fomos preparados sabendo que seria um processo desafiador, mas, ainda assim, atendeu às minhas expectativas”.                                                                                                                                                                                                                                                                      |

|                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Entrevistado 10</b> | <p>“Sim, com certeza. Minha expectativa era aprender uma nova língua, e isso eu consegui. Também queria conhecer novos países, e viajei bastante, aproveitando muito essa oportunidade [...] também fiz novos amigos ao longo do caminho”.</p> <p>“Para mim, as expectativas foram 100% atendidas. Foi uma pena não poder ficar mais tempo”.</p> |
|------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Ademais, a Entrevistada 4 relatou que, embora tenha adquirido novos conhecimentos durante a experiência, suas expectativas em relação às atividades práticas e à vivência em laboratório não foram totalmente atendidas, especialmente no que se refere ao aproveitamento da estrutura e dos laboratórios da instituição.

### 5.11 Dificuldades e desafios

Ao relatarem suas experiências durante a mobilidade acadêmica internacional, os participantes destacaram diversos desafios vivenciados ao longo do período de intercâmbio. Os relatos obtidos estão descritos no quadro 11 e serão analisados abaixo.

Quadro 11– Dificuldades e desafios enfrentados pelos intercambistas

| <b>Dificuldades e desafios enfrentados pelos intercambistas</b>           |
|---------------------------------------------------------------------------|
| Ausência de suporte institucional                                         |
| Falta de preparo da IES do exterior                                       |
| Receptividade e inclusão pelo corpo discente e docente da IES do exterior |

Fonte: Da autora

#### ● **Ausência de suporte institucional**

Entre os principais pontos levantados pelos entrevistados, destacou-se a ausência de acompanhamento e suporte institucional durante a experiência de intercâmbio. Os relatos evidenciaram dificuldades relacionadas à falta de orientação, ao distanciamento entre a universidade brasileira e os estudantes no exterior, bem como a problemas de alinhamento de informações ao longo do processo.

A Entrevistada 4 apontou a falta de acompanhamento e afirmou que não houve monitoramento durante a experiência. A participante ressaltou ainda que não houveram parcerias ou pontes que pudessem auxiliar sua vivência no exterior, sobretudo durante a busca por estágio, e comentou: “Acredito que, se houvesse um acompanhamento mais próximo, isso poderia ter aberto mais portas”. Corroborando esses relatos, o Entrevistado 5

também destacou a ausência de suporte por parte da universidade brasileira, afirmando que: “os professores praticamente esqueceram da nossa existência”.

A Entrevistada 6 também apontou dificuldades decorrentes da ausência de direcionamentos: “Nem da nossa universidade e nem da universidade francesa houve um suporte adequado”. A participante destacou que precisou definir sozinha as disciplinas que poderiam ser aproveitadas no Brasil, além de lidar sem suporte com questões práticas da vivência no exterior, como sistema de saúde, visto, alojamento e cadastros. Em seu relato, afirmou que: “Tive que descobrir tudo sozinha, o que gerou perda de tempo e bastante tensão, um suporte inicial faria toda a diferença.”

A Entrevistada 1 relatou que “não existia, na época, um acompanhamento de acordo com as necessidades de cada estudante”, aspecto que considera essencial para que os participantes consigam concluir adequadamente a experiência proposta pelo programa.

Ademais, a Entrevistada 4 destacou problemas relacionados à comunicação e ao alinhamento de informações, afirmando que: “os professores não sabiam datas, documentações ou detalhes importantes do processo, isso gerou uma espécie de ‘buraco’ na comunicação”. De modo semelhante, a Entrevistada 1 destacou: “O processo se tornou muito mais difícil e, em alguns casos, até inviável. Sem orientação ou apoio institucional, eu dependia muito da boa vontade de algumas pessoas, o que tornava tudo mais complicado”.

- **Falta de preparo da IES do exterior**

Os relatos dos participantes também evidenciaram dificuldades relacionadas à falta de preparo das instituições de ensino superior no exterior para receber estudantes internacionais. A Entrevistada 1 afirmou que não se sentiu acolhida pela instituição francesa, destacando a ausência de suporte efetivo para adaptação acadêmica e emocional durante a experiência. Segundo a participante, medidas pontuais, como permitir o uso de dicionário nas provas, não eram suficientes para suprir essa necessidade de acompanhamento.

De forma semelhante, o Entrevistado 5 relatou que alguns professores não demonstraram preparo para lidar com estudantes internacionais, o que resultava em situações desconfortáveis e, por vezes, constrangedoras em sala de aula e em outros ambientes acadêmicos.

- **Receptividade e inclusão pelo corpo docente da IES do exterior**

No que se refere à receptividade e inclusão pelo corpo docente das Instituições de Ensino Superior, os entrevistados relataram dificuldades relacionadas ao processo de inclusão

e integração no ambiente universitário, especialmente no convívio com estudantes locais e, em alguns casos, à ausência de ações institucionais mais efetivas voltadas ao acolhimento de estudantes internacionais, fatores que influenciaram diretamente sua experiência acadêmica e social durante o intercâmbio.

A Entrevistada 1 relatou dificuldades relacionadas à inclusão dentro de sala de aula: “Meus colegas não demonstravam esforço para me integrar, e muitas vezes eu me sentia excluída, sendo a última a ser escolhida em atividades em grupo”, de modo semelhante a Entrevistada 6 comentou: “Teve a questão do entrosamento com os outros alunos, muitas vezes não se envolvem nem fazem esforço para integrar” e completou com: “Em um dia de prova em grupo, por exemplo, eles sabiam que éramos estrangeiros e o esperado seria nos incluir em outros grupos, mas acabamos ficando sozinhos”.

Do mesmo modo dos relatos anteriores, o Entrevistado 5 também destacou dificuldades relacionadas à integração social no ambiente universitário estrangeiro, especialmente em razão das diferenças culturais percebidas durante o intercâmbio. Segundo o participante, “Mesmo sendo uma pessoa extrovertida, percebi que os franceses são mais fechados, o que dificultou a integração”. Além disso, chamou atenção para o contraste entre a receptividade observada no exterior e o acolhimento oferecido por universidades brasileiras a estudantes internacionais, ao afirmar que “quando o movimento é o contrário, ou seja, quando estrangeiros vêm para o Brasil, há muito mais acolhimento. Já quando estamos lá, muitas vezes precisamos nos virar sozinhos”. A Entrevistada 3 compartilhou da mesma percepção quando relatou: “Interação em sala de aula, não tem a mesma hospitalidade daqui”.

A Entrevistada 2 destacou que: “No instituto percebi que meus colegas de turma não eram tão receptivos, o que dificultou um pouco no processo de adaptação e aprendizagem”. O relato evidencia como a ausência de acolhimento por parte dos estudantes locais pode impactar não apenas a integração social, mas também o desempenho e a adaptação acadêmica dos intercambistas.

A Entrevistada 3 igualmente apontou desafios no estabelecimento de vínculos interpessoais durante o período de mobilidade acadêmica, afirmando que “Amizades, às vezes não dependem da gente, foi bem difícil de fazer amizade com eles”. A participante também mencionou o idioma como um fator limitante para a comunicação e integração, relatando que “o idioma às vezes era uma trava”. Os depoimentos reforçam que aspectos culturais, sociais e linguísticos exerceram influência significativa na experiência de inclusão e adaptação dos estudantes no exterior.

Deve-se ressaltar que, nem todos os participantes apontaram dificuldades ou pontos de melhoria, como é o exemplo das entrevistadas 7 e 10. “Sempre tive todo o suporte de que precisei, eles me ajudaram sempre que foi necessário. Então, não tenho nada negativo a dizer nem sobre o programa nem sobre a universidade”, afirmou a Entrevistada 10. A Entrevistada 7 argumentou: “Na universidade, fomos bem recebidos e integrados às estruturas, como os locais para encontrar materiais, os professores e também recebemos apoio do escritório na busca por estágio”.

### 5.12 Sugestões de melhoria

Após descreverem as dificuldades e desafios vivenciados durante o intercâmbio, os entrevistados destacaram fatores que poderiam contribuir para uma experiência mais positiva na mobilidade acadêmica internacional. As respostas foram sintetizadas no Quadro 12 e serão discutidas neste tópico.

Quadro 12 – Sugestões dos entrevistados

| Sugestões dos entrevistados   |
|-------------------------------|
| Sistema de suporte aos alunos |
| Sistema <i>Alumni</i>         |
| Acompanhamento psicológico    |

Fonte: Da autora

- **Sistema de suporte aos alunos**

No que se refere às sugestões de melhoria para a experiência de mobilidade acadêmica internacional, as respostas evidenciam a importância de um acompanhamento mais próximo e qualificado ao longo de todo o processo de intercâmbio, abrangendo tanto aspectos administrativos quanto acadêmicos e de adaptação. Foram destacadas propostas relacionadas à mediação de dificuldades, à disponibilização de orientações mais claras e ao fortalecimento da articulação entre as instituições envolvidas.

A Entrevistada 1 destacou a importância de um suporte especializado para facilitar o processo de adaptação dos estudantes:

Senti falta de um acompanhamento mais qualificado, especialmente de alguém que conhecesse bem os dois contextos — o brasileiro e o francês — e que pudesse intermediar as dificuldades. Ter uma pessoa responsável por lidar com essas problemáticas, oferecendo suporte tanto nas questões do dia a dia quanto nas demandas universitárias, faria uma grande diferença na adaptação e no desempenho dos estudantes (Entrevistada 1).

A Entrevistada 2 ressaltou aspectos relacionados ao processo de preparação para a mobilidade acadêmica, destacando que, embora tenha havido apoio de ex-alunos durante o envio de documentos, esse suporte ocorreu de forma pontual. Nesse sentido, a participante apontou a necessidade de um material mais estruturado e sistematizado, como um manual com orientações sobre os procedimentos necessários para a ida ao exterior: “um guia ou passo a passo de como proceder durante todo o processo de ida facilitaria muito”.

A Entrevistada 4 destaca: “acompanhamento dos professores responsáveis pelos alunos”, evidenciando o papel do suporte docente no processo de orientação dos estudantes. De maneira complementar, a Entrevistada 6 resalta a relevância de uma articulação mais clara entre as instituições, afirmando que seria “fundamental ter um acompanhamento mais claro entre os coordenadores do Brasil e da França”. A participante ainda acrescenta: “essa falta de comunicação acaba impactando bastante a experiência e, em alguns casos, deixa o intercâmbio com uma percepção negativa”, evidenciando os efeitos diretos da uma comunicação entre as instituições envolvidas.

De acordo com De Wit (2002) a qualidade da mobilidade acadêmica está diretamente relacionada ao suporte institucional oferecido aos estudantes e à articulação entre as instituições de origem e destino. O acompanhamento estruturado antes, durante e após o intercâmbio é essencial para garantir melhor adaptação e aproveitamento acadêmico, enquanto falhas nessa integração podem comprometer a experiência do estudante

- **Sistema *Alumni***

A Entrevistada 1 sugere a criação de um sistema similar ao *Alumni* como forma de fortalecer o suporte aos estudantes e egressos:

Acredito que seria muito interessante a criação de um anuário ou rede de ex-alunos, semelhante a um sistema de *Alumni*, que reunisse participantes desses programas. Isso poderia fortalecer o *networking*, facilitar a troca de experiências e até mesmo ajudar novos estudantes a se prepararem melhor para os desafios que irão enfrentar (Entrevistada 1).

Um Sistema *Alumni* é uma rede organizada por instituições de ensino para manter o vínculo com seus ex-alunos após a conclusão do curso, promovendo *networking*, compartilhamento de oportunidades e apoio à trajetória acadêmica e profissional dos egressos. No contexto da internacionalização, essa rede também pode contribuir para orientar novos estudantes, especialmente em experiências de mobilidade acadêmica, por meio de ações de mentoria, troca de informações práticas sobre adaptação cultural, apoio documental e orientação acadêmica, contribuindo para uma transição mais estruturada dos intercambistas.

Segundo Knight (2008), redes institucionais como as de ex-alunos fortalecem a internacionalização ao ampliar conexões acadêmicas e promover a circulação de conhecimento entre estudantes e ex-alunos.

- **Acompanhamento Psicológico**

Os entrevistados 1 e 5 destacaram a importância da oferta de acompanhamento psicológico como parte do suporte institucional.

A Entrevistada 1 afirmou: “Acho que deveria haver um acompanhamento psicológico, se isso fosse oferecido pelo programa, teria ajudado bastante no processo de adaptação”, evidenciando a relevância desse apoio para a vivência no intercâmbio. O Entrevistado 5 reforçou essa necessidade ao sugerir a implementação de um suporte psicológico institucional: “Poderia haver um suporte psicológico oferecido [...] algo realmente útil para os estudantes do programa”. Além de destacar que esse acompanhamento poderia ser baseado em dados dos próprios participantes, contribuindo para a compreensão das dificuldades enfrentadas e para a melhoria do programa.

De forma geral, os relatos evidenciam que a adaptação ao novo contexto acadêmico e cultural pode gerar desafios emocionais significativos, os quais poderiam ser minimizados com a presença de um suporte especializado. De acordo com Andrade e Teixeira (2009), o acompanhamento psicológico institucional contribui para uma melhor adaptação acadêmica dos estudantes, favorece a permanência no ensino superior e auxilia na redução de dificuldades emocionais no ambiente universitário.

## **6 CONCLUSÃO**

Os resultados apontam que o perfil dos estudantes é caracterizado pelo predomínio do gênero feminino, a mobilidade ocorreu, em geral, entre o terceiro e o quinto ano do curso, com duração predominante de um ano, os participantes realizaram intercâmbio em países europeus com e sem financiamento. As principais motivações envolveram interesses acadêmicos, profissionais e pessoais. Houve desenvolvimento de competências e ampliação de conhecimentos relevantes para a formação em Engenharia de Alimentos, além disso, a experiência foi percebida como diferencial em processos seletivos.

Ademais, as expectativas dos participantes foram atendidas. Contudo, foram apontados desafios relacionados ao suporte institucional e à adaptação, destacando-se a necessidade de ampliar o acompanhamento aos estudantes e fortalecer os programas de mobilidade acadêmica.

Diante desses resultados, a mobilidade acadêmica demonstrou impactos favoráveis na formação dos participantes, no entanto, a continuidade das pesquisas sobre a temática é fundamental, especialmente por meio de estudos que contemplem um número maior de estudantes e análises voltadas ao aprimoramento dos programas de mobilidade acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Italo Moreira. Engenharia de alimentos na gestão e controle de qualidade do comércio varejista. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Alimentos) **Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/70788/4/2022\\_tcc\\_imalbuquerque.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/70788/4/2022_tcc_imalbuquerque.pdf). Acesso em: 10 mar. 2026.
- ALTBACH, P. G. Perspectives on Internationalizing Higher Education. **International Higher Education**. n.27, Spring 2002.
- BAZZO, W. Antonio; PEREIRA, Luiz Teixeira do Vale. Introdução à engenharia: conceitos, ferramentas e comportamentos. 2. ed. Florianópolis: **Universidade Federal de Santa Catarina**, 2008.
- BETT, Daiana Zuchini. Jovens universitários e intercâmbio acadêmico. 2012. 45 f. Monografia (Especialização) – Instituto de Psicologia, **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/62374/000869091.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 set. 2025
- BÖHM, A.; DAVIS, D.; MEARES, D.; PEARCE, D. Global Student Mobility 2025: Forecasts of the Global Demand for International Higher Education. **IDP Education** Australia, 2002. Relatório técnico.
- BRASIL. Associação Brasileira da Indústria de Alimentos. Relatório anual. São Paulo: **ABIA**, 2021.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Plano de ação da CAPES para expansão da formação de estudantes de pós-graduação, graduação e docentes no exterior. Brasília: **CAPES**, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/planocapesdeformacaonoexterior-jun2011-pdf>. Acesso em: 25 abr. 2026.
- BRASIL. Lei nº 5.194, de 24 de dezembro de 1966. Regula o exercício das profissões de engenheiro, arquiteto e engenheiro-agrônomo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 1966. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/15194.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15194.htm). Acesso em: 22 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n.º 344, de 6 de agosto de 1984. Reconhece o Curso de Engenharia de Alimentos da Universidade Federal do Ceará. **Brasília, DF**: MEC, 1984.
- BUENO, Janaína Maria et al. A mobilidade acadêmica internacional: uma revisão bibliométrica e integrativa da literatura entre 2005 e 2022. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 22, n. 5, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/92098>. Acesso em: 9 maio 2026.
- CASTRO, Tiffany Resende de. As competências do engenheiro de alimentos no contexto da indústria 4.0. 2023. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de

Alimentos), **Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/73649>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CANADÁ. Global Affairs Canada. Emerging Leaders in the Americas Program (ELAP). Ottawa: **Government of Canada**, 2026. Disponível em: <https://www.educanada.ca/scholarships-bourses/can/institutions/elap-pfla.aspx?lang=eng>. Acesso em: 22 mar. 2026.

**CAPES** – Notícias. Internacionalização do ensino superior precisa avançar, sugere estudo da CAPES, 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8621-internacionalizacao-do-ensino-superior-precisa-avancar-sugere-estudo-da-capes>. Acesso em: 18 mar. 2018.

CAMPOS, Nicholas Vieira. Intercâmbio acadêmico na percepção dos estudantes estrangeiros, gestores e docentes: um estudo na Universidade Federal do Ceará. 2018. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) **Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45530>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CHARLE, Christopher; VERGER, Jacques. História das universidades. São Paulo: **Editora da Universidade Estadual Paulista**, 1996.

COLENCI, A.T. O ensino de engenharia como atividade de serviços: a exigência de atuação em novos patamares de qualidade acadêmica. São Carlos. Dissertação (Mestrado) (Escola de Engenharia de São Carlos), **Universidade de São Paulo**, 2000.

CONTEL, F. B.; LIMA, M. C. Aspectos da internacionalização do ensino superior: origem e destino dos estudantes estrangeiros no mundo atual. InternexT - **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**, v. 2, n. 2, p. 167-193, 2007.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. **Dados Chamadas Graduação Sanduíche**. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/bolsistas-e-investimentos-1/dados-chamadas-graduacao-sanduiche>. Acesso em: 22 mar. 2026.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Programa CAPES/BRAFITEC. Brasília: **CAPES**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/franca/programa-capes-brafitec>. Acesso em: 22 mar. 2026.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Programa CAPES/BRAFAGRI. Brasília: **CAPES**, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/franca/brafagri>. Acesso em: 22 mar. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA (CONFEA). **Resolução nº 218, de 29 de junho de 1973**. Discrimina atividades das diferentes modalidades profissionais

da Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Brasília, 1973. Disponível em: <https://normativos.confea.org.br>. Acesso em: 22 mar. 2026.

DE WIT, H. Globalisation and internationalisation of higher education. **Rev. U. Soc. Conocimiento**, Barcelona, v. 8, n. 2, p. 241, jul. 2011.

DE WIT, Hans. Internationalization of higher education in the United States of America and Europe. Greenwood Press, 2002.

FRANCO, Bernadette Gombossy de Melo; LANDGRAF, Mariza. Microbiologia dos alimentos. Rio de Janeiro: **Atheneu**, 2023.

FREDRICH, Camila Juliana; SIEBEN, Paula Luisa; LEHN, Daniel Neutzling. A (r)evolução dos cursos de Engenharia de Alimentos no Brasil nos últimos 40 anos. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, ano 1, n. 4, p. 89–98, 2009.

FERREIRA, Mariela Zebian Bassetti; MAXIMINO, Kelly Tatiana; OLIVEIRA, Danilo Trindade de. O intercâmbio profissional para jovens – oportunidades e benefícios. **Revista Interface Tecnológica**, v. 15, n. 1, p. 251–265, 2018.

FERNÁNDEZ, María Tereza López. El Intercambio Estudiantil como Recurso Promotor del Desarrollo Humano: Estudio de Caso. 2010. 96 f. Tese (Doutorado) - Curso de Desarrollo Humano, **Universidad Iberoamericana**, México, Df, 2010. Disponível em: . Acesso em: 23 jun. 2019.

GACEL, J.; ÁVILA, R. The internationalization of higher education: a paradigm for global citizenry. **Journal of Studies in International Education**, v. 9, n. 2, p. 121- 136, 2005.

GACEL, J.; ÁVILA, R. Universidades Latinoamericanas frente al reto de la internacionalización. **Casa Del Tiempo**, Guadalajara, v. 1, n. 9, p. 2-8, jul. 2009.

GARCIA, Marcia Monalisa de Moraes Sousa; GUSSI, Alcides Fernando. 'O Universal pelo Regional': uma análise da trajetória histórica da política de internacionalização da Universidade Federal do Ceará. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 25, e358, 2025. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v25.2025.e358>.

GAVA, Altanir Jaime; SILVA, Carlos Alberto Bento da; FRIAS, Jenifer Ribeiro Gava. Tecnologia de alimentos: princípios e aplicações. São Paulo: **Nobel**, 2008.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: **Atlas**, 2008.

GRAGLIA, Marcelo Augusto Vieira; BASILIO, Patrícia Cristina de Souza; ALMEIDA, Evandro de. *Soft skills e padrões criados pela robotização no mercado de trabalho*. **Revista de Inovação e Sustentabilidade – RISUS**, v. 13, n. 4, p. 186-194, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/risus/article/view/60352>. Acesso em: 9 maio 2026.

GUERRA, Avaetê de Lunetta et al. Mobilidade internacional na pós-graduação brasileira: impactos acadêmicos e profissionais do doutorado sanduíche. **Revista Eletrônica de Mobilidade Internacional de Estudantes**, Campinas, v. 11, 2023. Disponível em: <https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/747>. Acesso em: 22 mar. 2026.

GUERRA, Carlos Cirelli. Mobilidade acadêmica estudantil: como a literatura tem retratado a experiência e os resultados da mobilidade acadêmica no Brasil. 2024. Dissertação (Mestrado em Gestão e Inovação na Indústria Animal) – **Universidade de São Paulo**, Pirassununga, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.74.2024.tde-25072024-104752>. Acesso em: 22 mar. 2026.

JÚNIOR, Josefran Lacerda Leite. Contribuições do Programa Ciência sem Fronteiras para alunos do curso de Ciências Biológicas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – **Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2017.

KAWASAKI, C. S. Universidades públicas e sociedade: uma parceria necessária. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, p. 239-257, 1997.

KNIGHT, Jane. The changing landscape of higher education internationalisation – for better or worse? **Perspectives: Policy and Practice in Higher Education**, v. 17, n. 3, p. 84–90, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/13603108.2012.753957>.

KNIGHT, Jane. International universities: misunderstandings and emerging models? **Journal of Studies in International Education**, v. 19, n. 2, p. 107–121, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/1028315315572899>.

KNIGHT, Jane. Higher education in turmoil: the changing world of internationalization. Rotterdam: **Sense Publishers**, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: **Atlas**, 2010.

MANFREDI, Silvia Maria. *Trabalho, qualificação e competência profissional: das dimensões conceituais e políticas*. Educação & Sociedade, v. 19, n. 64, 1998. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?id=W2064300311&task=detalhes>. Acesso em: 9 maio 2026.

MARINCE, Felix; FOSKETT, Nick (eds.). Globalization and Internationalization in Higher Education: Theoretical, Strategic and Management Perspectives. London: **Continuum International Publishing Group** (imprint da Bloomsbury T&T Clark), 2012. ISBN 978-1-4411-6673-9.

MAIA, José Nelson Bessa; FARIAS, Déborah Barros Leal. Do nacional-desenvolvimentismo à internacionalização no Brasil subnacional: o caso do Ceará. Fortaleza: **IBRI/Livro Técnico**, 2005. 159 p. ISBN 858921536-9.

MIRANDA, Renata dos Santos. Hábitos de consumo do intercâmbio cultural entre jovens da pós-modernidade. 2011. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/1471>. Acesso em: 03 mar. 2026.

MUSETTI, Marina Mayor; AGUIAR, Virgínia do Socorro Motta; SILVA, Fabiana Ferreira. Qualidades, habilidades e competências do engenheiro de produção frente aos desafios organizacionais e competitivos do século XXI. **Congresso Brasileiro de Educação em**

**Engenharia (COBENGE).** Anais 2014. Disponível em: <https://www.abenge.org.br/cobenge/legado/arquivos/5/Artigos/128998.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2026.

MALUTTA, César. Implantação do projeto educacional em Joinville, envolvendo intercambistas internacionais através da AIESEC. **Udesc em Ação**, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2013.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MATHIAS, Rodrigo Buógo. Carreira, perspectivas profissionais e sua relação. Porto Alegre: **Universidade Federal Rio Grande do Sul**, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/10183/185004/001080407.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2026.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Research universities and the future of america: ten breakthrough actions vital to our nation's prosperity and security. Washington, DC: The National Academies Press, 2012.

NOGUEIRA, Lorena Melgueiro. Impactos do intercâmbio cultural no ensino superior em Administração: um estudo no curso de Administração da Universidade Federal do Ceará. 2018. 54 f. Monografia (Graduação em Administração) **Universidade Federal do Ceará**, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Fortaleza, 2018.

OLIVEIRA M. G., Pagliuca L. M F. Programa de mobilidade acadêmica internacional em enfermagem: relato de experiência. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS) 2012 mar;33(1):195-8.

OLIVEIRA, Adriana Leônidas de; FREITAS, Maria Ester de. Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. **Educação em Revista**, v. 32, n. 3, p. 217–246, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698148237>

OLIVEIRA, Carlos Alex Martins et al. Fatores associados à retenção e evasão no curso de Engenharia Elétrica da **UFC**. 2024.

ORDÓÑEZ, Juan A. Tecnologia de alimentos: componentes dos alimentos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PEREIRA, Yana Paula et al. Mobilidade acadêmica: um estudo comparativo no contexto de instituições universitárias. **Revista Gestão Universitária na América Latina (GUAL)**, Florianópolis, v. 10, n. 4, p. 252-273, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2017v10n4p252>. Acesso em: 22 mar. 2026.

POGGI, Aline. A valorização da diversidade multicultural. 2010. Disponível em Acesso em 17 mar. 2014.

RAMIREZ, Ana Paula Huanay. A importância do intercâmbio estudantil para a formação do administrador: o caso do Latin American Program entre Sophia University (Japão) e Universidade Estadual de Campinas (Brasil). Limeira, SP: **Universidade Estadual de**

**Campinas**, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=549055>. Acesso em: 10 mar. 2026.

RANZA, Pedro Villela. Mobilidade acadêmica estudantil: Como a literatura tem retratado a experiência e os resultados da mobilidade acadêmica no Brasil? Uberlândia: **Universidade Federal de Uberlândia**, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão da Informação), 29 f. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/38099/1/MobilidadeAcad%C3%AAmicaEstudantil.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2026.

RAMOS, Milena Yumi. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e161579, 2018. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022018000100303&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100303&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 mar. 2026.

ROCHA, Maria Marcela Ramos da. Avaliação da evasão discente em cursos de graduação da área de Engenharia: estudo de caso em uma instituição pública de ensino superior. Dissertação (Mestrado), **UFC**, 2020.

RODRIGUES, A. J. Metodologia científica: completo e essencial para a vida universitária. São Paulo: **Avercamp**, 2006.

ROSENZWEIG, M. R. Global wage differences and international student flows. **Brookings Trade Forum**, v. 2006, n. 1, p. 57-86, 2006.

RUDZKI, Romuald Edward John. Strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice. 1998. Tese (Doutorado) **Newcastle University**, Newcastle upon Tyne, 1998. Disponível em: <https://theses.ncl.ac.uk/jspui/handle/10443/149>. Acesso em: 22 mar. 2026.

SEBASTIÁN, Jesús. Cooperación e internacionalización de las universidades. Buenos Aires: **Biblos**, 2004.

SEBBEN, Andréa. Intercâmbio cultural: para entender e se apaixonar. Porto Alegre: **Artes e Ofícios**, 2011.

SILVA, Wanessa de Assis. Internacionalização e conhecimento: análise do programa Capes-Brafagri na Universidade Federal de Viçosa sob a ótica de estudantes-participantes no biênio 2013-2014. Viçosa: **Universidade Federal de Viçosa**, 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/24246>. Acesso em: 22 mar. 2026.

SILVA, Meiriluce Assunção; GAYDECZKA, Beatriz. Importância do estágio supervisionado: integração entre teoria e prática e formação profissional de licenciandos. **SciELO Preprints**, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9210>.

SILVA, Tamara Suene et al. A importância do relacionamento interpessoal no mercado de trabalho. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS**, v. 8,

n. 1, p. 36-42, 2023. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cdghumanas/article/view/10921>. Acesso em: 9 maio 2026.

SOUSA, A. N. L. de. Globalização: origem e evolução. **Caderno de Estudos Ciência e Empresa**, Teresina, ano 8, n. 1, jul. 2011.

STALLIVIERI, Luciane. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Revista Educação Brasileira**, v. 24, p. 35–57, 2002.

STALLIVIERI, L. As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional. 2009.234p. Tese (Doutorado em Linguas Modernas) **Universidad del Salvador**, Buenos Aires, 2009.

UNESCO. Educação superior: reforma, mudança e internacionalização. Anais. Brasília: **UNESCO Brasil**, SESU, 2003. 208 p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO. **Mobilidade discente internacional: conceitos de incoming e outgoing**. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/eri/mobilidade-academica/discente/>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ (atual Universidade Federal do Ceará). **Boletim n.º 10 – Memorial da UFC (jan./fev. 1958)**. Fortaleza: Universidade do Ceará, 1958. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57810>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Relações Internacionais. Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: **Universidade Federal do Ceará**, Set. 2017. Disponível em: <https://www.ufc.br/a-universidade/documentos-oficiais/10695-plano-de-internacionalizacao-d-a-ufc>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais. Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará (PIN). Fortaleza: **Universidade Federal do Ceará**, out. 2019. Disponível em: <https://prointer.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/pin-final-1.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais. **Tipos de mobilidade acadêmica**. Disponível em: <https://prointer.ufc.br/pt/tipos-de-mobilidade-academica/>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia de Alimentos. Fortaleza: **Universidade Federal do Ceará**, 2015. Disponível em: <https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?id=657424>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais. Apresentação. Fortaleza: **Universidade Federal do Ceará**. Disponível em: <https://prointer.ufc.br/pt/sobre-a-prointer/apresentacao/>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Inovação e Relações Interinstitucionais. Painel estratégico de internacionalização. Fortaleza: **Universidade Federal do Ceará**. Disponível em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMWY2YzZwMGItNjgyZC00ZWJLWlOGQ0ODlhNWU0ODI5ODQ0IiwidCI6ImI1OTFhZTU0LTMzYzItNDU4OS1iZTY2LTkwMjFhNDE5NmM3YyJ9>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Engenharia de alimentos. Fortaleza: **Universidade Federal do Ceará**. Disponível em: <https://www.ufc.br/ensino/guia-de-profissoes/553-engenharia-de-alimentos>. Acesso em: 28 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). Resolução nº 11/CEPE, de 11 de julho de 2023. Dispõe sobre normas referentes à mobilidade acadêmica internacional para alunos de cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: **UFC**, 2023. Disponível em: <https://prointer.ufc.br/wp-content/uploads/2025/01/resolucao11-cepe-2023.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA. Bachelor's degree in Food Engineering (EEABB). Barcelona: **UPC**, mar. 2026. Disponível em: <https://www.upc.edu>. Acesso em: 28 mar. 2026.

## APÊNDICE A - ROTEIRO PARA DE COLETA DE DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS  
CURSO DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS  
PESQUISA SOBRE MOTIVAÇÕES E IMPACTO DO INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA  
FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ESTUDANTES DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS

1. Idade:
2. Gênero:
3. Naturalidade (País e Estado):
4. País de Residência:
5. Nível de escolaridade
6. Ano de Ingresso no curso:
7. Status do curso (Semestre atual/Ano de finalização):
8. Período de intercâmbio:
9. Foi contemplado com bolsa de estudos?
10. Se sim, qual o programa de Fomento da sua bolsa de estudos?
11. País de Intercâmbio:
12. Universidade de Intercâmbio:
13. Realizou estágio?
14. Se sim, período de estágio:
15. Se sim, qual tipo de instituição?

16. Se sim, qual a linha de pesquisa/área de atuação?
17. Quais foram as suas motivações para realização do intercâmbio? Comente sobre.
18. Quais as principais razões para escolha da instituição e local de destino?
19. O que o intercâmbio te trouxe de positivo? Como o Intercâmbio contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal?
20. De acordo com a sua experiência de intercâmbio, quais competências o intercâmbio permitiu desenvolver? Comente.
21. Quais foram os conhecimentos obtidos, fornecidos pela universidade durante o período de estudos? Há alguma área de estudos que queira destacar?
22. Você sente que o intercâmbio te tornou um profissional mais preparado para o mercado? Porquê?
23. De alguma forma ter o intercâmbio destacado no Curriculum Vitae (CV)/Currículo Lattes foi um diferencial para sua trajetória profissional/trajetória acadêmica?
24. O período de intercâmbio correspondeu às suas expectativas?
25. Você teve experiências negativas durante o intercâmbio? Quais foram?
26. Na sua opinião, o que poderia ser feito para que sua experiência fosse mais positiva?